

Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Turismo e Desenvolvimento de Destinos e Produtos

Relatório de Estágio

Museus e Turismo – O caso do Museu da Misericórdia de Évora

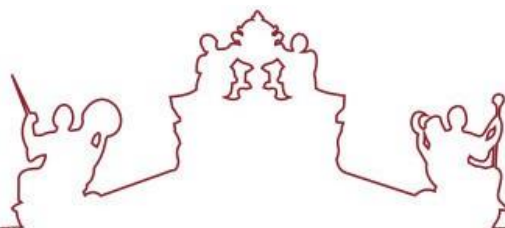
Sofia Feliciano Melo

Orientador(es)| Noémi Marujo

Maria do Rosário Borges

Évora 2024





Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Turismo e Desenvolvimento de Destinos e Produtos

Relatório de Estágio

Museus e Turismo – O caso do Museu da Misericórdia de Évora

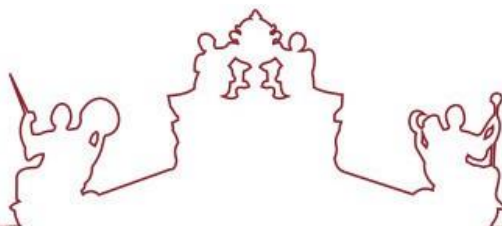
Sofia Feliciano Melo

Orientador(es)| Noémi Marujo

Maria do Rosário Borges

Évora 2024





O relatório de estágio foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

Presidente | Joana Lima (Universidade de Évora)

Vogais | Maria do Rosário Borges (Universidade de Évora) (Orientador)
Mónica Brito (Universidade de Évora) (Arguente)

Évora 2024



Agradecimentos

A conclusão deste relatório não seria possível sem o apoio de todas as pessoas que contribuíram para o seu desenvolvimento, tanto a nível pessoal como profissional.

Venho por este meio expressar a minha gratidão a todos os que contribuíram para a elaboração do mesmo.

Agradecer, a todos os professores que me acompanharam ao longo do Mestrado, transmitindo o seu conhecimento. Principalmente às minhas orientadoras, Professora Doutora Noémi Marujo e Professora Doutora Maria do Rosário Borges, pela disponibilidade e apoio prestados.

Agradecer a todos os profissionais que me acompanharam durante o estágio no Museu da Misericórdia, especialmente à Senhora Lurdes Fragoso, responsável pelo meu estágio na Instituição de Acolhimento, ao Senhor José Manuel, responsável pela Igreja da Misericórdia, ao Senhor José Calado, historiador, pelos conselhos que me deu, e ao Senhor Provedor José Figueira pela oportunidade de estágio.

Quero manifestar, ainda, o meu agradecimento a todos os visitantes anónimos do Museu da Misericórdia, que privaram do seu tempo para responder ao questionário que desenvolvi e apliquei, possibilitando a realização do estudo empírico.

Do ponto de vista pessoal, a minha eterna gratidão ao meu pai e à minha madrastra, por todas as oportunidades que me possibilitaram, por todos os valores transmitidos e por todo o apoio.

Título

Museus e Turismo – O caso do Museu da Misericórdia de Évora

Resumo

O presente relatório insere-se na área de museus e turismo, com ênfase nos museus integrados com igrejas devido ao local de estágio, que se encontra anexado à Igreja da Misericórdia. Os temas dos museus e turismo relacionam-se devido à necessidade cada vez mais presente na sociedade de aprender, conhecer, outras culturas. Os museus integrados com igrejas contextualizam-se também devido à cultura, principalmente religiosa, que muitos turistas procuram. No entanto, com a revisão de literatura, observamos que esta área em específico ainda é pouco estudada.

Este trabalho tem como objetivo principal apresentar uma reflexão sobre os conhecimentos adquiridos durante a realização do estágio curricular no Museu da Misericórdia de Évora. Destaca-se o estudo empírico, de caráter exploratório, realizado com o objetivo de compreender mais sobre a perceção do visitante deste tipo de museus. Durante a realização do estágio e elaboração do relatório, recorreu-se a métodos qualitativos (observação participante) e a métodos quantitativos (estudo exploratório). O estudo empírico desenvolvido envolveu aplicação de questionários para entender o visitante dos museus integrados com igrejas.

Os resultados obtidos, permitem observar um tipo de perfil do turista que visita os museus integrados com igrejas. Sendo este mais instruído (possui licenciatura ou bacharelato e mestrado), e com maior disponibilidade de tempo (reformado ou estudante). Além disso, é um turista que visita para conhecer o local e a sua cultura, como também visita pela sua ligação ao mundo espiritual/religioso.

Palavras-Chave: Évora, Igreja, Misericórdia, Museus, Turismo.

Title:

Museums and Tourism – The case of Misericórdia Museum of Évora

Abstract

This report falls within the area of museums and tourism, with an emphasis on museums integrated with churches due to the internship site, which is attached to the Misericórdia Church. The themes museums and tourism are related due to the increasingly present need in society to learn, get to know other cultures. The museums integrated with churches are also contextualized due to the culture, mainly religious, that many tourists seek. However, with the literature review, we observed that this specific area is still little studied.

This work's main objective is to present a reflection on the knowledge acquired during the curricular internship at the Museu da Misericórdia de Évora. The empirical study, of an exploratory nature, carried out with the aim of understanding more about the visitor's perception of this type of museums. During the internship and preparation of the report, qualitative methods (participant observation) and quantitative methods (exploratory study) were used. The empirical study developed involved the application of questionnaires to understand visitors of museums integrated with churches.

The results obtained allow us to observe a type of profile of the tourist who visits museums integrated with churches. Which is more educated (has a degree or bachelor's degree and master's degree), and with greater time availability (retired or student). Furthermore, he is a tourist who visits to get to know the place and its culture, as well as visiting for its connection to the spiritual/religious world.

Keywords: Church, Évora, Misericórdia, Museums, Tourism.

Índice	
Índice de Figuras	vi
Índice de Tabelas	vi
Lista de abreviaturas	vii
Capítulo 1 - Introdução.....	1
1.1 Motivação para a realização do estágio e relevância do tema	1
1.2 Objetivos do estágio realizado no Museu da Misericórdia.....	2
1.3 Metodologia	2
1.4 Estrutura do Relatório.....	3
Capítulo 2 – Museus, Religião e Turismo	4
2.1 Museus.....	4
2.1.1 Tecnologia nos Museus.....	6
2.1.2 A Realidade Virtual	7
2.2 Museus e Turismo.....	9
2.2.1 Motivações e experiências dos turistas na Visita aos Museus.....	12
2.3 Museus e Igrejas	14
2.3 O Turismo Religioso	17
Capítulo 3. Fundação das Misericórdias.....	20
3.1 Antecedentes da fundação das Misericórdias – Os Hospitais, as Gafarias, as Albergarias e as Confrarias.....	20
3.1.1 As casas de assistência em Évora	22
3.2 A Fundação das Misericórdias	23
3.2.1 No Período Moderno	26
3.2.2 Na Primeira República	28
3.2.3 No Estado Novo	29
3.2.4 Na Democracia	30
3.2.5 Na atualidade.....	31
3.3 A Fundação da Misericórdia de Évora	31
3.4 Elementos das Misericórdias.....	32
3.4.1 O Compromisso	32
3.4.2 Os cargos	32
3.4.3 A assistência espiritual	33
3.5 A Igreja da Misericórdia.....	34
3.6 Hospital do Espírito Santo e outros patrimónios.....	37
Capítulo 4. A experiência de estágio no Museu da Misericórdia	38
4.1 Motivação para a realização do estágio.....	38
4.2 Objetivos concretizados com a realização do estágio	38
4.3 Breve caracterização da entidade acolhedora do estágio	38

4.3.1 Os espaços e condições de acesso	39
4.3.2 As tecnologias.....	39
4.3.3 As parcerias.....	40
4.4 Atividades desenvolvidas durante o estágio	41
4.4.1 Apoio na publicação de conteúdos informativos para as Redes Sociais	41
4.4.2 Apoio na realização de visitas organizadas e exposições.....	41
4.4.3 Planeamento e aplicação de questionários aos visitantes do Museu da Misericórdia	42
Capítulo 5. Estudo empírico – Metodologia e Contexto	44
5.1 Enquadramento do estudo empírico para analisar o perfil do visitante do museu.....	44
5.2 Preparação do questionário.....	45
5.2.3 Aplicação do questionário.....	47
5.2.4 Método de análise dos dados	48
6.1 Caracterização do Concelho de Évora	49
6.1.1 Enquadramento Demográfico	49
6.1.3 Enquadramento Turístico.....	50
Capítulo 7. Análise dos dados.....	52
7.1 Caracterização sociodemográfica dos inquiridos.....	52
7.2 Análise das experiências dos visitantes no Museu	56
7.3 Grau de Satisfação dos Visitantes	61
8. Conclusões.....	64
8.1.1 Principais conclusões no âmbito da experiência de estágio	64
8.1.2 Principais conclusões no âmbito do estudo empírico	65
Apêndices	72

Índice de Figuras

Figura 1- Enquadramento geográfico do concelho de Évora	49
Figura 2 - Principais atrações turísticas da cidade de Évora	51
Figura 3 - Nacionalidade dos inquiridos	52
Figura 4 - Outras Nacionalidades dos inquiridos	53
Figura 5 - País dos inquiridos.....	53
Figura 6 - Concelho dos inquiridos	54
Figura 7 - Género dos inquiridos.....	54
Figura 8 - Idade dos inquiridos	55
Figura 9 – Habilitações literárias	55
Figura 10 - Situação profissional dos inquiridos.....	56
Figura 11 - Experiência física	56
Figura 12 - Experiência Sensorial	57
Figura 13 - Experiência Restauradora.....	57
Figura 14 - Experiência Introspectiva.....	58
Figura 15 - Experiência Transformadora.....	58
Figura 16 - Experiência Hedónica.....	59
Figura 17 - Experiência Emocional.....	59
Figura 18 - Experiência Relacional.....	60
Figura 19 - Experiência Espiritual	60
Figura 20 - Experiência Cognitiva	61
Figura 21 - Apreciação positiva dos inquiridos.....	62
Figura 22 – Aspetos menos apreciados pelos inquiridos	62
Figura 23 - Satisfação dos inquiridos.....	63

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Questões incluídas no questionário realizado aos visitantes do Museu	45
Tabela 2 - Tipo de perguntas incluídas no questionário realizado aos visitantes do Museu	46
Tabela 3 – Pontos Fortes e Pontos Fracos da Aplicação do Questionário	48
Tabela 4 - Intenções dos visitantes sobre voltar ao Museu e recomendar o Museu a terceiros.....	63

Lista de abreviaturas

CHE – Centro Histórico de Évora

CME – Câmara Municipal de Évora

CTCEC – Conferência Turismo Capital Europeia da Cultura

ECEC – Évora Capital Europeia da Cultura

IME – Igreja da Misericórdia de Évora

MM – Museu da Misericórdia

MME – Museu da Misericórdia de Évora

SCME – Santa Casa da Misericórdia de Évora

SPSS – Statistical Package for the Social Sciences

Capítulo 1 - Introdução

O presente relatório de estágio, intitulado de “Museus e Turismo – O caso do Museu da Misericórdia”, resulta da realização do estágio curricular integrado o plano de estudos do 2º ano do mestrado em Turismo e Desenvolvimento de Destinos e Produtos, lecionado na Universidade de Évora. Visa, por isso, apresentar uma reflexão crítica, descritiva e analítica sobre a experiência profissional obtida pela Aluna no Museu da Misericórdia de Évora (MME), sediado na Rua da Misericórdia, n.º 5, da cidade de Évora.

1.1 Motivação para a realização do estágio e relevância do tema

A escolha do Museu da Misericórdia para a realização do estágio curricular baseou-se em vários motivos. O principal, relaciona-se com a curiosidade e interesse da Aluna em aprofundar o seu nível de conhecimento na área de turismo e museus, associados à história das Misericórdias e, simultaneamente, aplicar os conhecimentos que adquiriu ao longo do curso. Um outro motivo que norteou a escolha esteve associado à sua curiosidade, em conhecer melhor o atual perfil e as motivações dos visitantes desta tipologia de espaços museológicos, integrados com igrejas.

Vários estudos revelam que, na maior parte das vezes, o turista que visita um museu está diretamente relacionado com as motivações do turismo cultural. No entanto, através da pesquisa realizada, não foi possível identificar estudos que se foquem na análise do perfil do turista que visita museus associados ao legado do histórico-eclesiástico de uma Misericórdia. O visitante aparece sempre associado ao perfil genérico do turista cultural e não tem sido analisado separadamente das restantes tipologias de turista. O estudo de caso apresentado por Othman et al. (2013) demonstra que a maior parte dos visitantes de igrejas, se sentem imersivos no seu ambiente, intocado pelo tempo, dando a sensação de estar a reviver o passado, mas no momento presente. Desta forma, obtêm experiências diferentes dos outros tipos de património cultural ou turista cultural.

Neste contexto, os museus integrados com igrejas, como é o caso do Museu da Misericórdia, recentemente criado na dependência da Igreja da Misericórdia, são importantes pontos de recolha de dados porque registam um fluxo de visitantes com potencial de ser inquirido e, por isso, podem contribuir para o estudo desta temática.

1.2 Objetivos do estágio realizado no Museu da Misericórdia

O objetivo geral do estágio curricular foi o envolvimento da Aluna em diversas experiências profissionais no âmbito dos serviços desenvolvidos e prestados pelo Museu da Misericórdia de Évora (MME) aos seus visitantes. Em termos de objetivos mais específicos, foram proporcionadas oportunidades de aprendizagem e integração no contexto das atividades regulares do MME, relacionadas com a organização das exposições temporárias, manutenção do espaço, gestão de redes sociais, venda de bilhetes e atendimento ao público. Estas oportunidades, para além de contribuírem para reforçar os seus conhecimentos na área, contribuíram para o desenvolvimento das suas capacidades ao nível da proatividade. Um outro objetivo a destacar neste trabalho foi o envolvimento da Aluna no desenvolvimento de um estudo empírico, de carácter exploratório, para analisar o perfil e motivações do turista que visita o MME. Neste contexto, construiu e aplicou, presencialmente, questionários aos seus visitantes, assim como procedeu à análise e discussão dos resultados, os quais também se partilham neste relatório.

No estágio, apesar muitos dos momentos de aprendizagem estarem relacionados com atividades recorrentes no âmbito da gestão operacional e da gestão do espaço museológico visitado pelo público, também surgiram oportunidades para se envolver com as temáticas relacionadas com a Santa Casa da Misericórdia, permitindo à Aluna aumentar os seus conhecimentos sobre a sua história, como a Irmandade, a sua missão e a sua importância na comunidade em que se insere.

1.3 Metodologia

A metodologia utilizada para desenvolver o presente estudo foi a observação participante, para recolher dados e informação. Durante todo o período de estágio, a Aluna fez um registo regular e descritivo das atividades desenvolvidas pelo MME, nas quais teve a oportunidade de participar. Para obter informação sobre a entidade acolhedora do estágio, procedeu à análise documental de monografias e outros materiais textuais disponíveis acerca da Santa Casa da Misericórdia de Évora.

Em relação ao procedimento metodológico do estudo empírico, sobre o perfil e motivação do turista do MME, numa fase inicial da investigação procedeu à realização da revisão da literatura, no sentido de desenvolver as questões principais deste relatório. De seguida,

foi delineado o trabalho de recolha e análise dos dados, tendo-se utilizado a metodologia quantitativa, sendo a mais indicada para este contexto de investigação. A aplicação de questionários realizou-se no MME, tendo início no final do mês de março e terminado no final do mês de maio de 2023, após se obter um total de 67 respostas válidas. Para o tratamento dos dados recorreu-se ao programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS). Além disso, este inquérito teve como objetivo perceber o perfil do turista do Museu da Misericórdia, neste caso, um Museu Igreja, tendo em conta as suas experiências. Também se verificou, após a revisão de literatura, que não há muita informação sobre o perfil de turista que visita este tipo de museu, pelo que se considerou importante realizá-lo para contribuir para este tema de investigação. No capítulo 5 é feita uma apresentação mais aprofundada da metodologia utilizada para o desenvolvimento do estudo empírico.

1.4 Estrutura do Relatório

O presente relatório é composto por 8 capítulos, sendo o atual denominado de Introdução, que apresenta e especifica a relevância do tema, os objetivos do relatório, a metodologia utilizada e a sua estrutura. O segundo capítulo, sobre a revisão de literatura, aborda as ideias e conceitos principais relacionados com o tema museus e turismo. Por sua vez, no terceiro capítulo, é feita uma abordagem histórica ao tema da Santa Casa da Misericórdia, como também à relativa a Évora. No quarto capítulo é feita uma descrição do MME e são descritas as atividades que foram realizadas durante o estágio curricular. No quinto capítulo são explicados as metodologias e procedimentos utilizados para desenvolver o estudo empírico. No sexto capítulo são apresentadas algumas características do local onde se encontra o MME, integrado na cidade de Évora. No sétimo capítulo são apresentados os resultados do estudo exploratório através de uma análise estatística dos dados recolhidos pela Aluna, através dos questionários realizados, sobre o perfil do turista do Museu da Misericórdia. O capítulo final do relatório, o oitavo, apresenta uma reflexão sobre a evolução do estágio, como também as conclusões do estudo empírico exploratório que foi conduzido; além disso, apresenta tanto as contribuições como as limitações do mesmo. Por último, sugerem-se algumas recomendações relativas a potenciais orientações para a investigação mais aprofundada no futuro sobre o tema em estudo.

Capítulo 2 – Museus, Religião e Turismo

O presente capítulo assenta na revisão de literatura e tem como objetivo identificar e analisar, de forma breve, os principais conceitos e considerações sobre as dinâmicas dos museus e a sua relação com espaços religiosos e atividades turísticas. Também é feita uma abordagem às tecnologias e realidade virtual associadas aos museus, porque no Museu onde se realizou o estágio são utilizadas algumas ferramentas tecnológicas para potenciar a experiência dos visitantes. Os resultados de alguns estudos sobre as motivações e experiências do visitante também são abordados, considerando o estudo empírico que foi desenvolvido durante o estágio.

Estas estão interligadas, na medida em que novas tecnologias atraem mais visitantes, que permitem aos mesmos fazerem a visita ao espaço de forma autónoma, criando as suas próprias experiências.

Para além disso, considera-se que existe outro tipo de museus, como os museus com igrejas anexas, os quais são importantes, não só em termos de culto e fé, mas em termos de arquitetura, escultura, pintura, relíquias, entre outros... os museus com igrejas anexas têm tudo num só lugar. O que, por sua vez, pode criar outro tipo de experiências, outro tipo de emoções e ainda outro tipo de motivações no turista.

2.1 Museus

Desde sempre que existiram locais repletos de cultura. No entanto, começaram por ser lugares privados, como a casa de um nobre ou um castelo, ostentavam um espólio incontestável, aos quais apenas os mais ricos ou de importância superior tinham acesso. Segundo Gonçalves (2017), “Os museus são os herdeiros das coleções privadas de objetos raros e valiosos que os aristocratas (sobretudo europeus) detinham. Esta prática conheceu um grande incremento durante o Renascimento e o Iluminismo” (p. 36).

Somente a partir do séc. XVI é que surgiu a primeira galeria em Florença, denominada Galeria Uffizi, na qual exibia as obras de arte da família Médici (Baltazar, 2008). A partir do séc. XX é que realmente se começou a dar valor aos museus, e a torná-los públicos, principalmente devido às guerras, que contribuíram para a mudança do pensamento da comunidade, e começou-se a viajar, a ‘turistar’. Nos anos 60, o museu era apenas um local que guardava o passado, um “templo de cultura” (Gonçalves, 2009). A década de 70 marcou o começo dos “museus pluralistas”, os que representam todos os segmentos das

sociedades, e não só os mais importantes, mas também as minorias e as suas relações sociais e políticas. Com a democratização da cultura, ao longo dos anos o interesse pelos museus cresceu e diversificou-se, permitindo o seu desenvolvimento. Agora o museu é visto como um instrumento educacional, que promove o conhecimento do património local de gerações.

De acordo com Serra e Carvalho (2010), citando o Conselho Internacional de Museus (ICOM, 2022), o museu é uma associação permanente, sem fins lucrativos, que adquire, conserva comunica e expõe o património da humanidade. Além disso, “...os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, (...) funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento” (p.357).

A evolução dos museus nos últimos anos teve como sua aliada a tecnologia, principalmente a que permite comunicar e informar. Serra e Carvalho (2010) afirmam que o museu é “...um agente transmissor de cultura e conhecimento...” (p. 358), mas também “...um mediador de experiências visuais e expositivas, numa óptica em que proporciona serviços de lazer que vão ao encontro das necessidades de engrandecimento cultural e intelectual dos turistas actuais” (p. 358). Além disso, os museus são vistos como um recurso do setor turístico, e são adaptados às necessidades do mesmo.

Em Portugal, segundo o conceito adotado e introduzido na Lei-Quadro dos Museus Portugueses, segundo Gonçalves (2009) um museu é: “...uma instituição de carácter permanente, com ou sem personalidade jurídica, sem fins lucrativos, dotada de uma estrutura organizacional que lhe permite: a) Garantir um destino unitário a um conjunto de bens culturais e valorizá-los através da investigação, incorporação, inventário, documentação, conservação, interpretação, exposição e divulgação com objectivos científicos, educativos e lúdicos; b) Facultar acesso regular ao público e fomentar a democratização da cultura, a promoção da pessoa e o desenvolvimento da sociedade (Lei n.º 47/2004, de 19 de Agosto)” (p. 88-89).

Além disso, e segundo Gonçalves (2017), referindo Weil (2002), o museu deve possuir um conjunto de práticas para ser considerado um “bom museu”, ou seja, a atividade do museu deve gerar benefícios para os visitantes e comunidades nas quais se inserem. Sendo que deve ser orientado para fins concretos, com orçamento adequado, equipa construtiva de bom relacionamento e reforço da coleção. Por fim, “...os bons museus preocupam-se com a comunicação de resultados (quantitativos e qualitativos) como forma de robustecer a sua ação junto das populações” (Gonçalves, 2017, p. 39).

Neste contexto, é importante ainda referir o pensamento de Ter et al. (2013), os quais afirmam que, após a revolução industrial e tecnológica, a rápida urbanização e aumento da população criou ambientes “não saudáveis”, repleto de património cultural e natural que causou o problema de identidade das nações, sendo que estes desenvolvimentos negativos necessitam de medidas de conservação para “transferir” o património para as gerações seguintes, ou seja, necessitam de medidas de “bom museu”.

2.1.1 Tecnologia nos Museus

Desde os anos 90 que a estratégia de atração dos museus se diversificou, nomeadamente com a adoção de guias multimédia, ou e-guias. Os e-guias modernos permitem que o visitante utilize o seu próprio dispositivo móvel, no qual tem acesso à informação dos museus através de aplicações, ou até mesmo códigos QR, sem custo adicional. Neste contexto, Bieszk-Stolorz et al. (2021) afirmam que uma das possíveis direções desses guias virtuais é a ‘gamificação’. Ou seja, a transformação num tipo de guia jogável, de forma a torná-lo mais interessante e agradável. Os resultados do estudo demonstram que o impacto destes guias modificados é bastante positivo. Para além disso, são uma alternativa aos guias reais, sendo mais económicos e sustentáveis, e atraindo mais visitantes. No entanto, tem as suas limitações, nomeadamente junto da comunidade sénior, a qual não tem tanta facilidade em utilizar este tipo de guias. Por isso, será necessário adaptá-los.

De acordo com Laska et al. (2013), as tecnologias estão cada vez mais presentes na atualidade, sendo já utilizadas no património como fontes de informação, nos museus virtuais, entre outros. A tecnologia multimédia contém diversos tipos de tecnologia como a Realidade Aumentada, navegação por GPS e reconhecimento de códigos QR, suportadas por *smartphones*, disponíveis nas lojas virtuais, como a *play store*.

No caso de estudo realizado por María Barrio-Tellado e Luis Herrero-Prieto (2022), que analisam a produtividade no contexto de museus com novas tecnologias, observou-se que estas instituições se mantêm abstraídas das tecnologias. Os resultados demonstram que há poucas mudanças na produtividade, refletindo a pouca capacidade dos museus de adotar mudanças e inovações tecnológicas que podem mudar a sua estrutura de produção. No entanto, houve pequenos indícios de ganhos de produtividade em algumas atividades, como exposições temporárias e outras atividades relacionadas com a disseminação social,

o que demonstra o interesse dos museus para a mudança em termos de produtividade social, no sentido de querer atrair mais visitantes.

De acordo com Marius-Răzvan et al. (2015), referindo o estudo de Xiang e Gretzel (2010), mesmo que as redes sociais não tenham o mesmo estatuto que o *Google*, continuaram a contribuir com o conteúdo criado pelo consumidor e permitiram que o conteúdo dos websites das empresas melhorasse e atraísse a atenção dos consumidores. Conseqüentemente, as redes sociais contribuem para a melhoria da qualidade dos serviços turísticos e enriquecem a satisfação do visitante. Entende-se que os empresários do turismo devem adotar as ferramentas das redes sociais e as tecnologias da Internet nas suas estratégias de *marketing* se quiserem permanecer competitivos no mercado.

Neste contexto, segundo Marius-Răzvan et al. (2015), as novas tecnologias podem ajudar as empresas e os negócios de diferentes formas, incluindo associá-las às atividades de *marketing*, distribuição de serviços e produtos, desenvolvimento de ofertas, *booking*, redes, entre outras. Estas são importantes para o turismo, mas tendo em conta que o visitante atual é mais sofisticado e complexo, com expectativas mais altas.

2.1.2 A Realidade Virtual

No contexto de tecnologia moderna, não se pode deixar de mencionar a importância da realidade virtual porque, segundo Hronček et al. (2020), esta permite a construção/recriação digital de monumentos, locais históricos acessíveis e inacessíveis, menos conhecidos, ou até mesmo em ruínas. Desta forma, atrai turismo para as pequenas cidades e aldeias, promovendo a educação, desenvolvimento turístico e contribuindo para o aumento de emprego. Para além disso, um dos objetivos da implementação destes modelos é a oportunidade de visita sem custos, que permita o turista visitar o local exposto e utilizar um código QR, ou ver o modelo 3D online com as informações todas. Estes novos modelos atraem facilmente as novas gerações digitais, estimulando os seus interesses e fornecendo informação sobre o património local.

Dentro da Realidade Virtual existem outras realidades, como a Realidade Aumentada (RA) e a Realidade Mista (RM). De acordo com Maietti et al. (2021), a RA aumenta o mundo virtual com cenas do mundo real, enquanto que a Realidade Virtual permite a interação com o ambiente digital sem forma de interagir ou reagir diretamente com o mundo real. A RM é a junção da RV e RM, permitindo produzir novos ambientes, nos

quais os objetos físicos e digitais coexistem e interagem em tempo real. Estas novas tecnologias permitem a visualização imersiva dos locais, objetos e informação, melhorando a análise das suas características. A preservação do património cultural, o acesso, a interpretação e o conhecimento são os principais objetivos destas realidades, juntamente com o desenvolvimento de ferramentas que ajudem no processo de decisões ou de restauro. A integração das duas realidades, RV e RM, permitiu a Maietti et al. (2021) criarem a plataforma INCEPTION, que consiste no enquadramento de ferramentas de *software* e vários programas de interface (API's)¹ que transformam cada elemento de uma Fundação Industrial de Classes (IFC)², num recurso semântico (RDF)³, guardando-os e ligando-os a dados, documentos e outras formas digitais. Estendendo-se para a Realidade Virtual e RA, devido à câmara incorporada e à tecnologia de videojogos permite a visualização interativa de locais patrimoniais numa experiência imersiva. Os autores concluem que será importante melhorar e inovar programas digitais, de modo a que permita diferentes experiências aos visitantes. O projeto INCEPTION demonstrou como o desenvolvimento de uma plataforma online ainda necessita de ser melhorado. Neste contexto, os autores demonstram que o património cultural não necessita de novas ferramentas, mas sim de uma interdisciplinaridade, que permita a expansão do seu público, e o acesso remoto à informação, seja ela histórica, arquitetónica, escultural, etc.

No estudo de Laska et al. (2013), é feita referência ao uso dessas tecnologias na Igreja do Salvador, em Ilyna, na qual desenvolvem um projeto denominado “E-passaporte” do objeto, que consiste num número de desenhos arquitetónicos desenvolvidos com base nas medidas originais, imagens dos arquivos, e fragmentos de pintura preservados que incluem texturas originais, capazes de criar uma imagem tridimensional do monumento. Este recurso online denominado “A Igreja do Salvador na Rua Ilyna” é baseada em materiais históricos que incluem informação da Igreja e história e cultura do mesmo período. A reconstrução histórica 3D interativa oferece uma oportunidade não apenas para estudar um único monumento, mas obter informações desde a sua existência até à atualidade, para encontrar quaisquer fatos relacionados ao mesmo. É considerada uma abordagem inovadora na apresentação e divulgação de objetos do património cultural.

¹ **Application Programming Interface (API)** - são mecanismos que permitem que dois componentes de software se comuniquem usando um conjunto de definições e protocolos.

² **Industry Foundation Classes (IFC)** – é um esquema de dados que permite a descrição de dados arquitetónicos e de construção de edifícios.

³ **Resource Description Framework (RDF)** - representa dados interconectados na web.

Segundo os mesmos autores, o *scanning* que é feito em 3D por vezes não é tão preciso devido a falhas no objeto, como uma fratura ou racha, pelo que é necessário nessas alturas, ajuda manual para completar o *scan*. Conjuntamente com o *scan* 3D, fotografias antigas originais e descrições originais dos objetos consegue-se criar o referido *E-passport*. É um tipo de mapa interior que demonstra o processo gradual do objeto (a sua restauração, destruição natural...). Também pode ser usado como forma de documentação do objeto, que pode ser consultado e alterado a qualquer altura do processo de pesquisa (Laska et al. 2013). Os autores dão um exemplo da fase da reconstrução analógica, em que referem um fresco da Igreja destruído ao longo dos séculos por incêndios e corrosão natural. O qual, conseguiram reconstruir com a cooperação de profissionais de inúmeras áreas, como historiadores, técnicos de informática, arqueólogos e restauradores de arte. Demonstrou-se que através da tecnologia se pode reconstruir o que uma vez foi perdido. No entanto, no que toca à realidade aumentada são ainda poucos os projetos que incidem em temáticas de religião ou de matriz cristã (Roque, 2019).

2.2 Museus e Turismo

Segundo Serra e Carvalho (2010), a relação entre turismo e museus nem sempre é ponderada, pois o turismo considera que o património deve ser explorado para obtenção de lucro. Porém, em muitos locais, é a exploração turística do património que permite o desenvolvimento ou a manutenção do mesmo.

Apesar desta contradição, é possível utilizar os museus de forma mais dinâmica. Como é o caso de expedições temporárias, com outros custos, utilização do espaço para outras atividades, de forma a assegurar e atrair mais visitantes ou outros públicos alvo. Além disso, a integração dos museus em redes museu e em roteiros turísticos, para serem comercializados, revela a importância que estas instituições têm no panorama turístico global.

Segundo Gonçalves (2017), os museus assumem-se como a atração cultural mais popular para os turistas. Além disso, a mesma autora, refere Van Aalst & Boogaarts (2002), que referem Richards (1999), “...concluem que mais de 50% dos turistas visita os museus nas cidades de destino” (Gonçalves, 2017, p. 40). Além destes autores, Gonçalves (2017) refere Graburn (1998), o qual afirma que os museus e o turismo são as duas indústrias que mais crescem nos países desenvolvidos.

Segundo a mesma autora, há um conjunto de fatores que podem ajudar a atrair mais visitantes para os museus. Referindo Ryan & Hsu (2011), o primeiro fator é a escolha dos temas das exposições. O segundo, as experiências do turista de forma a facilitar a introspeção e a reflexão, fazendo a ponte entre sentimentos e experiências pessoais acumuladas. E, por último, o terceiro fator, o conforto, em que a atmosfera do local e as diferentes dimensões do espaço complementam-se e potenciam a descontração, através de espaços, como as cafetarias, átrios ou lojas (Gonçalves, 2017).

Além disso, é de notar que a classificação de cidade património pela UNESCO traz inúmeros benefícios para a comunidade local, nomeadamente a hipótese de restauração de edifícios de valor histórico. Segundo Tucker e Carnegie (2014), para a UNESCO ser bem-sucedida na produção de cidades património, deve atrair visitantes para interagirem com os monumentos. Além disso, neste contexto, os guias turísticos são importantes para manter a autenticidade dos museus e do local, principalmente os guias locais, que podem dar mais informações sem ser as que se encontram escritas. Sendo que esta classificação tem um papel fundamental na criação de museus, segundo Tucker e Carnegie (2014) o museu é um espaço utilizado pela UNESCO nas áreas referentes ao património cultural, conservação, arqueologia e museologia de forma a demonstrar o local de forma mais autêntica possível (Tucker e Carnegie, 2014). Para além destes autores, muitos outros defendem esta ideia, como é o caso de Shishmanova (2015), que nos indica que a concentração de valores culturais transforma os territórios históricos num campo de cultura e turismo, “Cultural heritage is a key element of the image” (Shishmanova, 2015, p. 248).

Neste contexto, é importante considerar o turismo patrimonial, sendo que este atrai inúmeros turistas com diferentes interesses nas mais diversas áreas do turismo. De acordo com Marius-Răzvan et al. (2015), a popularidade do turismo patrimonial tem tendência para aumentar nos próximos anos, pois inclui secções diferentes, como arqueologia, arquitetura, arte, museus, entre outros. Demonstrando que devemos implementar outras estratégias de marketing, sendo que, o autor sugere que se devia criar uma forma dos visitantes poderem dar o seu feedback depois da sua experiência, para além das existentes (blogues, redes sociais, plataformas), ou seja, uma plataforma própria virtual. O turismo patrimonial é um tipo de turismo mais sensível, sendo que a maior parte dos turistas desta categoria contém um nível mais alto de educação, e esperam maior qualidade e diversidade neste serviço.

Além disso, de acordo com Ismagilova et al. (2015), o património histórico contribui muito para o desenvolvimento do turismo interno. Os objetos históricos e culturais são o motivo maior para o turista, sendo que o turismo histórico e cultural não só promove a região, mas também permite o aumento da sua economia, no entanto é necessário proteção e restauro dos monumentos históricos e culturais. Sendo que os autores apontam para a necessidade de estudar e desenvolver a esfera da história e da cultura, como também do património, com base na compreensão da atividade cognitiva cultural, no reconhecimento da necessidade de criação de condições para a realização das necessidades culturais do indivíduo, através do seu conhecimento da história, religião, tradições e estilo de vida.

A questão dos museus e turismo pode também relacionar-se com a questão da autenticidade. Na medida em que quanto mais autêntico for, mais turistas atrai, pois, o turista moderno procura cada vez mais a autenticidade. Segundo Barreto (2008), “Autenticidade é sinónimo de congelamento” (p. 4) e “...para os turistas, a autenticidade na arte tem a ver com peculiaridade, originalidade, trabalho manual, integridade histórica e uso turístico” (p. 4), sendo que os museus são a prova disso.

Segundo Torre & Rajabi (2022), a autenticidade é altamente desejada pelos turistas, onde procuram experiências autênticas e onde o turismo promove o local. No entanto, o património e a cultura não estão integrados nos 17 objetivos de desenvolvimento sustentável (2030). A sua integração é importante porque pode promover serviços essenciais nos locais, infraestruturas, transportes e aumento da qualidade de vida da comunidade, criando emprego nos edifícios restaurados (Torre & Rajabi, 2022).

No entanto, no caso dos turistas, muitas vezes o que é considerado autêntico é o que os próprios determinam que é autêntico, ou o que lhes dizem que é autêntico, pelo que a autenticidade é uma construção social. Por um lado, uma peça natural exposta no museu do séc. X é autêntica, por outro, uma réplica dessa mesma peça também pode ser considerada autêntica (Barreto, 2008).

Atualmente os museus utilizam o turismo como forma de sustentação própria, através da compra de bilhetes e dos souvenirs das suas lojas. Por sua vez, os turistas visitam os museus pelas novas formas de exibição de informação científica através da tecnologia, ou seja, os visitantes não são os mesmos do passado, que apenas visitavam museus no seu estado “puro”, sem tecnologias ou outras fontes de informação (Baltazar, 2008).

Apesar dos museus serem mais utilizados para o turismo, Selart (2021) demonstra como nos dias atuais ainda se utiliza os museus para investigação. A procura por um desfecho de uma lenda do séc. XIII motivou os historiadores a investigar os museus estonianos e permitiu o marketing da cultura estoniana através do turismo, para promover a sua história.

2.2.1 Motivações e experiências dos turistas na Visita aos Museus

Segundo Gonçalves (2009), os visitantes do património/museus procuram experiências ao visitar os locais, sendo que a relação entre turismo e património possuem pontos de conflito. Como, por exemplo, o facto de os profissionais do turismo não possuírem um conhecimento aprofundado sobre património cultural, o que contrasta com a procura da cultura, cada vez mais inerente nas gerações atuais e futuras. Apesar de haver conflitos entre o turismo e património, também há pontos positivos, como: o facto de o turismo ser impulsionador na medida em que atrai visitantes para o local, permite manter/restaurar as estruturas do local e também contribui economicamente para a manutenção do local.

Ao longo do tempo as motivações dos visitantes modernos evoluíram significativamente. Hoje em dia, as pessoas esperam que a visita ao museu seja, para além de relaxante, divertida, que seja um espaço de socialização, como se fosse um centro de lazer ou de educação. Por isso, os museus precisam de apostar em programas educativos e diferenciados, como também melhorar as suas infraestruturas. Mantendo sempre a sua autenticidade, e segundo Gonçalves (2009), “Os analistas culturais enfatizam os efeitos da indústria turística sobre o espaço e as referências simbólicas. A autenticidade é quase sempre uma referência obrigatória quando se discute a experiência turística...” (p. 94). Referindo a mesma autora, “Em suma, as experiências turísticas autênticas serão aquelas com significado” (p. 95).

Muitos dos turistas não possuem conhecimento prévio da história do museu que visitam, permitindo uma experiência profunda imersiva: “...para os visitantes internacionais quanto maior for a distância entre a cultura anfitriã e a cultura do viajante maior será a atração que o destino exercerá nos turistas com fortes motivações culturais” (Marujo, 2014, p. 9). Sendo que “...o turismo experiencial atrai as pessoas para a cultura local, a natureza e a história” (Marujo, 2016, p. 7). Não esquecendo os turistas domésticos, que

procuram nos museus, a experiência nostálgica do passado, de reviverem o que os seus antepassados presenciaram e contaram.

Segundo Mamoon e Altal (2016), o turismo de património deve ser definido pelas motivações dos visitantes e as suas perceções do local. Sendo que os visitantes dos museus são motivados pelas suas experiências anteriores ou pela necessidade de criar experiências novas. No entanto, ao referir o autor, que refere Bitgood (2006), não devemos considerar apenas as experiências pessoais dos visitantes, mas também a arquitetura e as exposições do museu, pois estes afetam os visitantes.

A experiência emocional reflete a ligação que o visitante tem com um destino. De acordo com Laurent e Kapferer (1985), referidos pelo autor Mamoon e Altal (2016), o envolvimento é um estado psicológico de interesse, motivação e atração para com um produto ou atividade. Para além disso, McGehee, Yoon e Cárdenas (2003), referidos pelo mesmo autor, afirmam que o envolvimento é importante para perceber o comportamento do consumidor e o seu processo de decisão.

Neste contexto, é importante referir que o uso das redes sociais no turismo e na indústria de viagens está a crescer rapidamente. Os turistas podem planear as suas viagens e recolher informação utilizando as redes sociais. Crê-se que confiam mais no relato das experiências de outros turistas que já visitaram, os seus locais de interesse, do que confiam no marketing das companhias turísticas. Neste contexto, Marius-Răzvan et al. (2015) defendem que os websites das companhias (turísticas e não turísticas) devem ser transformados num canal de comunicação com os seus clientes. Além disso, os consumidores devem poder introduzir dados pessoais no seu perfil, para que os empresários possam desenvolver o perfil do turista e conceber produtos turísticos à medida e adequados (Marius-Răzvan et al. 2015).

Baltazar (2008), referindo Richards (1996) afirma que os frequentadores de museus são na sua maioria bem instruídos. No entanto, referindo Lowyck et al. (1993) e Ross e Isso-Ahola (1991), os fatores sociodemográficos não influenciam na totalidade a qualidade da experiência do turista. De facto, os fatores económicos podem influenciar, mas, segundo Baltazar (2008), "...aquilo que é determinante é o que a pessoa pensa ganhar pessoalmente e socialmente com a experiência" (p. 202).

As motivações, a aprendizagem, desejo de experiências novas ou a sociabilização são os fatores que determinam menos o consumo turístico. Segundo Baltazar (2008), há outros

fatores que determinam a visita: “São eles o tempo passado no lugar, o facto de se estar ou não acompanhado e por quem, o tipo de experiências anteriores, a participação em visitas guiadas, as condições climatéricas, ou a fonte de informação” (Baltazar, 2008, p. 203). Como também as variáveis situacionais, referindo Amirou (2007), “...que reflectiu sobre o contexto específico da viagem para explicar comportamentos, nomeadamente as visitas que se fazem quase por obrigação, quer para imitar os outros quer para seguir um ritual, próprio do acto de viajar...” (Baltazar, 2008, p. 203). A autora conclui que “...o consumo de bens culturais depende mais da circunstância de estarem num contexto diferente do seu quotidiano e do seu ritmo normal que de uma predisposição para determinado consumo. Assim, pessoas que no seu dia-a-dia poderiam ser não visitantes de museus, podem sê-lo em tempo de férias, sendo o inverso também verdadeiro.” (Baltazar, 2008, p. 204), e “O comportamento dos turistas tem uma lógica própria resultante de “estar turista”, mais do que ser turista” (Baltazar, 2008, p. 215).

Segundo Marujo (2016), a experiência turística não detém um único conceito ou uma única teoria. É de facto complexa investigar, tendo sido abordada por diferentes perspetivas (da sociologia, da antropologia, psicologia, geografia, etc.). Por sua vez, a experiência turística pode ser considerada sob diferentes perspetivas, como a gastronomia, o quotidiano local, as festividades, entre outras. Neste contexto, a mesma autora, referindo Moscardo (2008), afirma que os locais históricos são o foco da experiência do turista. Além disso, Marujo (2016), referindo Selstad (2007), indica que o turista tem necessidade de contar o que viveu e aprendeu, por isso o testemunho sobre as suas experiências turísticas e o seu impacto são importantes.

Para além disso, o estudo de Hui Chen e Chris Ryan (2020), demonstra que os visitantes se encontram insatisfeitos com diversos aspetos, como o *overtourism*, a falta de informação no museu, e os preços de entrada... pelo que é necessário criar estratégias para combater esta insatisfação. Para isso, os autores recomendam o uso das novas tecnologias que permitam a compra dos bilhetes online, o desenvolvimento da informação através de *storytelling* e uso de e-guias.

2.3 Museus e Igrejas

Atualmente existem diversos tipos de museu como eco-museus, museus integrados com igrejas, museus ao ar-livre, museus convento, museus basílica, entre outros. Sendo que

há diversos estudos de caso de cada um. Segundo Roque (2019), “O processo de musealização, além de impor uma perspectiva que interfere na forma como o visitante vê o objeto no museu e apreende o respetivo significado, também lhe sobrepõe um novo ritual.” (p. 192). Por isso, torna-se relevante considerar expor os objetos no seu contexto, como é o caso dos museus integrados em igrejas.

Segundo Simas (2018), os objetos de culto formam os tesouros das igrejas e estão na origem de futuros museus eclesiásticos. Além disso, as igrejas podem ser consideradas como museus, pois os turistas, nacionais e internacionais, mesmo não sendo religiosos, visitam “...pela magnificência do edifício como pela beleza do seu interior, podemos constatar que a arte religiosa é de interesse universal” (Simas, 2018, p. 79).

Segundo a mesma autora, as igrejas tiveram um papel importante na preservação deste tipo de património, devido ao culto e à fé. Segundo Simas (2008), “Pode-se, mesmo, afirmar que a prática museológica nasceu no seio da religião, se atendermos a que já a civilização clássica confiava os seus bens aos sacerdotes, intensificando as atividades paramuseológicas na época medieval com a constituição de emblemáticos tesouros eclesiásticos, protagonizados pela Igreja.” (p. 101).

De acordo com Simas (2018), citando ICOM⁴, “Um museu eclesiástico define-se como um museu que, a par do que o ICOM define para uma instituição museológica, é “tutelad[o] por uma entidade eclesiástica, independentemente de ser uma diocese, uma paróquia, um cabido, um instituto de vida consagrada, uma sociedade de vida apostólica, uma confraria ou outro tipo de associação de fiéis, entre outros organismos da Igreja Católica” (p. 101). Ou seja, não são museus do Estado, mas sim privados.

Além disso, segundo a mesma autora, (Simas, 2018), citando a perspectiva da CPBCI⁵, “Na perspectiva da CPBCI, os museus da Igreja são “definidos como local de salvaguarda e divulgação dos objectos que, no decurso das transformações litúrgicas ou das flutuações devocionais em torno de personagens santas e das respectivas manifestações externas, se tornaram obsoletos, ou dos que, estando ainda ao serviço do culto, justificam pelo seu valor artístico e patrimonial uma apresentação pública, assumindo a Igreja, nesta musealização, objectivos catequéticos e evangelizadores” (Simas, 2018, p. 106).

Existem diversos casos de museus com igrejas anexas, em que as mesmas continuam a desempenhar as suas funcionalidades religiosas, litúrgicas e devocionais. O Museu Igreja

⁴ *International Council of Museum* (Simas, 2018).

⁵ Comissão Pontifícia para os Bens Culturais da Igreja (Simas, 2018).

é assim um espaço com dupla dimensão, a dimensão pastoral e a dimensão cultural, promovendo a fé através da cultura. De acordo com a mesma autora, "...atendendo que os objetos foram concebidos para estarem numa igreja, proceder-se à musealização dos objetos religiosos no próprio edifício ou em salas do edifício é mantê-los no próprio contexto" (Simas, 2018, p. 121).

No que toca aos museus convento, o estudo de caso de Paradiso et al. (2020) demonstra que é de facto possível transformar um antigo convento num museu de arte sacra. O convento foi restaurado e dividido em duas áreas, a área do Museu de Arte Sacra da Cidade de Havana com acesso a um jardim interior nos claustros, e a área norte, dedicada a atividades do bairro, centro recreativo para pessoas de terceira idade, como também para as crianças, de forma a promover e desenvolver programas de aprendizagem e conhecimento da história local, com o objetivo principal de devolver a vida ao convento (Paradiso et al., 2020).

As Igrejas Museus são consideradas *Unicum* (Pianigiani et al., 2020), pela sua arte (móvel ou imóvel), e pelo seu estatuto cultural de grande complexidade e qualidade. Pianigiani et al. (2020) afirma que as igrejas italianas podem ser consideradas como um tipo de museu. Sendo que o termo "museu", identifica o sítio que coleta e preserva provas, artísticas, culturais, históricas e científicas, e as expõe ao público de forma a transmitir e aumentar o conhecimento. Neste contexto, as igrejas e os museus estão interligadas, são pontos de encontro e centros de vários trabalhos artísticos, como quadros, painéis, esculturas, frescos, e objetos decorativos, como candelabros, vestes...representam a comunidade em que estão inseridas, de um ponto histórico, mas também artístico.

O estudo de caso de Othman et al. (2013), avalia a experiência do turista em igrejas históricas, através de uma escala (*CES*) *Church Experience Scale*. Os resultados demonstram que a maior parte dos visitantes tem uma experiência multidimensional em igrejas históricas, através da componente emocional e espiritual, como também ganham conhecimento através do estímulo intelectual. Para além disso, demonstram que as igrejas ativas (onde se realizam eventos religiosos com frequência) produziram avaliações mais altas na parte do conhecimento e aprendizagem. Pois uma das motivações dos que visitam as igrejas é o de obter esse conhecimento que as igrejas em particular oferecem, procurando também saber mais sobre a sua história e sobre as suas características. No entanto, nestas igrejas ativas, também se demonstrou que as pessoas se sentem sobrecarregadas com informação. Pois há demasiada disponível, o que não os permite

emergir no ambiente da igreja. Sendo que as igrejas inativas (onde não se realiza eventos religiosos, em que são apenas abertas ao público) permitem aos visitantes emergir no seu ambiente. Segundo os autores, acontece devido às características que a mesma apresenta, intocadas pelo tempo, dando a sensação de estar a viver tempos medievais (Othman et al., 2013).

O caso de estudo de Torre e Rajabi (2022) exemplifica como a igreja romanesca de Saint James na cidade de Como (Itália), pode ser restaurada e transformada num museu. Neste caso, em conjunto com a catedral da cidade. Segundo os mesmos autores, esta igreja encontra-se na parte central da cidade, onde todos os turistas vão visitar. Que eventualmente permite que mais estruturas históricas sejam restauradas, como é o caso desta nova igreja museu. O que demonstra que estes tipos de restaurações beneficiam não só o próprio património, mas também a população local. Sendo que é uma forma de preservar a história local como também devolve à comunidade esse sentimento de nostalgia e permite que as novas gerações a apreciem.

2.3 O Turismo Religioso

No estudo de caso de Kurmanaliyeva et al. (2014), que decorre no território da pós União Soviética, podemos observar o processo de “renascimento” ou interesse pela religião e o seu património. Sendo que se torna claro o desenvolvimento do turismo religioso, e as oportunidades que fornece. O turismo religioso atua como um tipo de turismo cognitivo “...since it satisfies gnoseological interest of travelers and tourists, giving them the opportunity to observe, live through a religious cult process, ceremonies and rituals, to purchase religious attributes, souvenirs” (Kurmanaliyeva et al. 2014, p. 959). Este tipo de turismo contém inúmeras características peculiares, que se podem observar na construção do roteiro, escolha e exibição dos objetos/peças, organização das excursões e serviços de transporte, como também depende do nível de escolaridade e estrutura etária dos participantes, duração das viagens, entre outros aspetos. A visita dentro deste tipo de turismo geralmente pressupõe centros religiosos e o funcionamento, e também museus e exposições, sendo que algumas são feitas por motivos de ato de culto, feriados ou festivais realizados numa determinada altura do ano, como a Semana Santa na Páscoa. Além disso, os mesmos autores realçam a importância deste tipo de turismo ser considerado como independente, que promove a deslocação e estadia de turistas.

Segundo os mesmos autores, a religião e o turismo partilham a mesma herança cultural, sendo que é importante considerar sempre os dois, e conciliar uma relação entre os representantes do turismo e os representantes das várias religiões. Além disso, o turismo religioso tem dois tipos principais, o turismo de peregrinação e o turismo de orientação turística e informativa.

Atualmente observamos que o turismo religioso bem-sucedido requer planejamento, juntamente com a tecnologia inovadora, e um ambiente sócio cultural que encontre problemas e soluções para os mesmos. De acordo com os mesmos autores, o resultado dessa confluência é um programa e um projeto. Sendo que o programa funciona como um documento aberto definindo num determinado território, que analisa as condições necessárias para o desenvolvimento cultural: os seus processos de criação, preservação, transferência e desenvolvimento de valores culturais e tradições. Inclui também modelos de suporte material, técnico, organizacional, pessoal e de informação para a realização de eventos e iniciativas planejadas. O projeto, por sua vez, é comparado aos projetos de conservação da UNESCO, o qual representa um determinado programa voltado para a superação ou prevenção de problemas, por meio de mudanças substanciais e estruturais, tanto no ambiente sociocultural, como também nas principais esferas da atividade, criando condições para a autorrealização bem-sucedida do património.

Neste contexto, o turismo religioso tem o potencial de expandir a experiência emocional baseada na informação artística, de expandir ao máximo as emoções do turista e desenvolver novas experiências psicológicas e estéticas. Essa confluência pode ser feita com o auxílio de textos culturais, concebidos para o turismo.

Segundo os mesmos autores, a junção de tecnologia com o planejamento sociocultural no turismo religioso fornece inúmeros fatores, como Saúde física, mental e espiritual; A competência cultural global da pessoa (o processo de desenvolvimento do sistema de valores, abordagens de diferentes fenômenos e eventos, conhecimento da moral e da ética, nacional e de classe, tradições, costumes, rituais, tendências intelectuais e estéticas contemporâneas, história política e cultural dos povos, os principais símbolos do orgulho nacional, etc; Formação consciente de uma necessidade constante de autocuidado, autoeducação e autodesenvolvimento, que é implementado em três níveis: humanismo e cooperação, vida espiritual e moral da sociedade como base da cultura da comunicação, cultura de um indivíduo; Atração à atividade turística de todos os interessados como parceiros: acadêmicos, profissionais de diferentes campos, funcionários, investidores e

residentes locais; Construindo a tolerância - como fator de redução da tensão social. Conhecimento da diversidade de culturas e religiões, sua coexistência e cooperação ampliam a compreensão do mundo e o lugar do homem nele simplifica o processo de autoidentificação e elimina o comportamento agressivo.

O turismo religioso atrai vários grupos populacionais; fiéis que aprendem não apenas religiões, mas também história, patrimônio cultural e artístico das zonas visitadas, que se enriquecem com novos conhecimentos. Portanto, os passeios turísticos devem incorporar um campo de pesquisa de interesse para turistas e viajantes que no processo de exploração de monumentos de diferentes períodos descubram uma partícula religiosa e encontrem uma explicação para o seu significado. Ao mesmo tempo, durante essa exploração, é obrigatório respeitar outras culturas, ter contato com os seus meios de comunicação antigos e modernos, e entender o valor do patrimônio histórico e cultural para a presente geração, como também a sua preservação para as seguintes gerações.

Além disso, os autores referem que este tipo de turismo pode também influenciar os serviços turísticos, entre outros fatores, como o propósito da viagem, veículos utilizados nas viagens, tipos de transporte, tipos de acomodação, tempo de viagem, composição do grupo, preço e formação do produto.

Os autores referem ainda que o turismo é atualmente uma indústria poderosa, que faz parte da globalização. No entanto, nem todos os países tem o potencial de criar infraestruturas para o turismo, pelo que existem desigualdades em termos de comunicação e de cultura, sendo que o autor aponta mesmo que a globalização desafia o direito humano de praticar a sua cultura ““right to his own culture”” (Kurmanaliyeva et al. 2014, p. 963).

Capítulo 3. Fundação das Misericórdias

No âmbito do caso de estudo do Museu da Misericórdia de Évora é importante conhecer e desenvolver um pouco da sua história, nomeadamente as suas origens e o seu auge, como também a sua atualidade.

Esta abordagem é feita devido à necessidade de todos os que estão a ler este relatório, entenderem que o turista deste tipo de locais, museus e/ou igrejas, ou museus com igrejas, pode ter diferentes experiências conforme o grau de conhecimento da história do local que visita. Neste caso, o Museu da Misericórdia de Évora, que disponibiliza toda a sua história através da interação do visitante no ambiente museológico.

3.1 Antecedentes da fundação das Misericórdias – Os Hospitais, as Gafarias, as Albergarias e as Confrarias

O crescimento económico do séc. XI, permitiu que surgissem as novas religiões da Idade Média. As novas ordens mendicantes, por sua vez, realçaram a importância da pobreza, entre as quais a ordem franciscana, que alterou a face religiosa da Europa (Sá & Lopes, 2008).

A partir do séc. XIII ocorreu uma mudança de paradigma no que toca à prática assistencial, quando se começou a dar assistência aos mais desfavorecidos no geral, e não só aos peregrinos.

No séc. XV, surgiu o “purgatório”, no qual “A salvação eterna passou a estar ao alcance de todos e de cada um individualmente através das boas obras, e do recurso sistemático à riqueza terrena, quando convenientemente convertida em propriedade das almas” (Sá & Lopes, 2008, p. 10). Além disso, a imitação de Cristo e o culto da virgem tornou-se cada vez mais forte.

Neste contexto, o caráter de caridade medieval (Isabel Sá e Maria Lopes, 2008) presente nas obras de misericórdia “...a esmola apagava o pecado tal como a água apaga o fogo” (Sá e Lopes, 2008, p. 12), era também uma forma de praticar o culto. Além disso, a oração e a penitência.

De acordo com Coelho (2017), “são três as principais entidades responsáveis pela prática caritativa e assistencial: as instituições religiosas, as entidades particulares e o estado, na figura do rei e através da legislação por ele emanada” (p. 14), sendo que as instituições religiosas são as principais. Dentro destas entidades, existiam os hospitais, as gafarias e

as albergarias, sobre as quais o autor afirma que se confundem muitas vezes nas fontes. Para o mesmo autor (Coelho, 2017), “Não há, por vezes, grande diferenciação nos cuidados prestados entre um hospital e uma albergaria. A única exceção serão as gafarias, cuja especificidade da doença condiciona o tipo de utente e o tipo de cuidados prestados. Nos restantes casos é normal ver um leque muito diverso de assistidos, de peregrinos a enjeitados, recebendo diferentes cuidados” (p. 17). Além disso, o mesmo autor demonstra outras características diferenciadoras: as albergarias estariam localizadas junto a mosteiros ou igrejas, e albergavam “enfermos” ou doentes, providenciando alimentação, abrigo e lenha para se aquecerem. Os hospitais tinham funções mais específicas, com enfermaria, sendo que além de abrigo, davam cura.

Dentro dos hospitais existiam as gafarias, ou leprosarias, que albergavam e tratavam os doentes com lepra. Sendo que a doença era extremamente contagiosa teriam de ser tratados em separado. Segundo Coelho (2017), no caso de Évora, há notícia de uma gafaria junto às Portas do Raimundo, denominada Hospital ou casa de São Lázaro, nome que deriva do nome tradicionalmente atribuído à lepra de Mal de São Lázaro” (p. 18).

As mercearias seriam outra parte, relacionada com os benefícios e donativos, as “mercês”. Eram concedidos por particulares ou pelo Rei, normalmente por testamento. Serviam para que os “merceeiros”, ou os que recebiam estes donativos, fossem obrigados a rezar pela alma dos instituidores em troca do apoio recebido.

Além disso, também existiram as confrarias, que seriam consideradas também como uma das primeiras formas da Misericórdia. As confrarias organizavam diferentes formas de caridade em assistência aos mortos. Muitas destas ordens ou fundações mendicantes eram patrocinadas por membros da família real e das suas inúmeras casas senhoriais. Além disso, os prisioneiros de guerra pobres, eram “resgatados”, comprando o seu resgate através das obras da misericórdia, “Faziam-se peditórios públicos, testamentos deixavam legados para proceder ao seu resgate. Existiam ordens religiosas especialmente vocacionadas para os agenciar, como por exemplo os Trinitários, introduzidos em Portugal em 1207” (Sá e Lopes, 2008, p. 22). Neste contexto, o caminho para Santiago e as peregrinações a Santiago de Compostela são uma das principais causas do surgimento das primeiras albergarias que acolhiam os peregrinos, com apoio alimentar, médico e abrigo.

A partir do séc. XVI, devido às inúmeras mudanças europeias, como a imprensa e a expansão atlântica, e também a nível económico, no qual aumentou a pobreza, permitiu

que se começasse a encarar os pobres com desconfiança. Consequentemente, a assistência aos pobres era cuidadosamente seletiva, “Os critérios variavam consoante o serviço solicitado, podendo incluir a localidade (terem nascido na cidade onde pretendiam ser auxiliados), residência, legitimidade, idade, etc...” (Sá e Lopes, 2008, p. 18).

3.1.1 As casas de assistência em Évora

Segundo Gusmão (1958), no reinado de D. Afonso V instituiu-se a primeira organização hospitalar do país, denominado de Hospital de Jerusalém, em Évora. Além disso, foi estabelecido o Regulamento dos Hospitais e Albergarias da cidade de Évora, que “...representa a primeira tentativa de sistematização de princípios em matéria de administração hospitalar” (Gusmão, 1958, p. 28). Por sua vez, o Hospital de Jerusalém foi “talvez” a primeira casa de assistência em Portugal, com a designação de Hospital. Além disso, esclarece que o termo hospital e o termo albergaria não tem diferenças semânticas, sendo que é frequente encontrar no tomo desta confraria as expressões “Hospital de Jerusalém, Albergaria de Jerusalém”, relativas ao mesmo instituto (Gusmão, 1958).

D. João II, e principalmente D. Manuel, irão utilizar essa fusão das albergarias com os hospitais, para todo o país, através da bula de 1501. Coube a D. Manuel a “aperfeiçoar” os serviços de assistência através de um diploma que envia pra Évora, promulgando o Regimento dos contadores, corrigindo e ampliando este estatuto anterior de D. Afonso V. Antes da fundação da Misericórdia de Évora em 1499, existiam inúmeras instituições de assistência, como as albergarias e os hospitais. Segundo Coelho (2017), através da documentação do arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Évora, existem 4 volumes relativos à fase anterior da fundação com a seguinte indicação na lombada: “...Pergaminhos das Albergarias do Corpo de Deus da Sé, Santo Espírito, S. Bartolomeu e S. Gião, Pergaminhos do Hospital de Jerusalém, Pergaminhos do Corpo de Deus de Santo Antoninho e Pergaminhos de São Lázaro” (Coelho, 2017, p. 21). Ou seja, 4 albergarias que seriam na época denominadas de Hospitais.

Esses 4 Hospitais seriam “...o da Universidade, criado pelo Cardeal Rei, (...) o do Conde de Basto, D. Fernando, para homens e mulheres, (...) o hospital de Santo André, às portas do Raimundo, (...) o quarto, já do século XVII, (...) criou uma casa para seu completo

restabelecimento” (Gusmão, 1958, p. 50). Sendo que além dos hospitais, detinha outras albergarias, demonstrando assim a enorme rede assistencial de Évora.

Outro exemplo, segundo Gusmão (1958), seria a Casa de São Lázaro em Évora, que foi anexada à Santa Casa da Misericórdia, e com ela a administração dos enjeitados. No entanto, sendo os Lázaros uma ordem religiosa e, segundo o autor, pouco numerosa antes da anexação, não se encontra muitas fontes. Mas entende-se que, depois da anexação à Santa Casa, se transformou de Albergaria para Hospital. Segundo o mesmo autor, a casa de São Lázaro foi o segundo instituto hospitalar da administração da Santa Casa, o qual foi cedido por Alvará de D. Henrique, para que a Santa Casa pudesse auxiliar com as rendas e as crianças, visto que a própria ordem de Lázaro não teria rendimentos suficientes. Demonstrando que a Coroa lhes conferia “...pouco a pouco, a gerência dos Hospitais, (...) permitindo-lhes, até, certa autonomia e liberdade de movimento e de acção” (Gusmão, 1958, p. 161).

Além disso, desde muito cedo se verificou o abuso de poder por parte dos que controlavam estas instituições, pelo que foi necessário, por parte da autoridade régia, criar mecanismos de controlo da gestão e administração dos fundos. Sendo que, segundo Coelho (2017), a intervenção do poder régio nestas instituições torna-se mais notória a partir da segunda dinastia de Afonso V, “Esta intensificação surge da necessidade de controlar a gestão dos bens das instituições, impedindo que fossem usados para fins que não os estipulados” (Coelho, 2017, p. 25). Consequentemente fundiu-se as albergarias e os hospitais, criando hospitais maiores para servir um único fim. Como é o caso do Hospital do Espírito Santo, que foi “A primeira administração de institutos de assistência a ser confiada à Santa Casa da Misericórdia de Évora foi, pois, a do Hospital do Espírito Santo, a qual estivera cometida, desde o seu início e até ao ano de 1551...” (Gusmão, 1958, p. 155).

3.2 A Fundação das Misericórdias

Segundo Sá (2022), as fontes não são exatas quanto à data da fundação da primeira misericórdia, como também as circunstâncias da sua fundação. No entanto, sabe-se que a Virgem era a padroeira da confraria, e que D. Leonor, irmã de D. Manuel, foi a sua fundadora. Quando D. Manuel voltou ao reino, a misericórdia já estaria fundada, sendo que agora o poder voltaria de D. Leonor para D. Manuel, tornando-se este o protetor das

confrarias. “A partir de então o rei promoveu a criação de Misericórdias por todo o reino de Portugal e suas conquistas” (Sá, 2022, p. 39).

De acordo com Coelho (2017), “A miséria social, derivada da fome e das guerras e doenças que assolavam toda a Europa, fazem do nosso país, em particular, um local propício para o surgimento de um número elevado de pobres e miseráveis. É numa tentativa de dar uma resposta viável a esta situação que surgem em Portugal as Misericórdias” (Coelho, 2017, p. 29). Sendo que “A criação das Misericórdias é o resultado do processo de centralização e unificação das instituições de assistências e da tentativa, por parte do poder real, de dinamizar a ação assistencial no Reino” (Coelho, 2017, p. 29).

O elemento diferenciador das misericórdias portuguesas das restantes do mundo era exatamente a sua forma de instituir as obras da misericórdia “As misericórdias portuguesas tinham preocupações totalizantes, procurando abarcar todas as obras de misericórdia, enquanto que as suas congéneres se concentravam apenas numa ou duas dessas obras, mas nunca em todas ao mesmo tempo” (Sá e Lopes, 2008, p. 26). Sendo que esta preocupação em cumprir todas as obras se estende até hoje.

Segundo as mesmas autoras, D. Manuel concedeu os privilégios às misericórdias de forma a torna-las um elemento que definia a presença das elites. Sendo um desses privilégios a autoridade máxima da confraria ao provedor, e doze irmãos, sendo este conjunto mais tarde denominado de “mesa”. Além disso, de acordo com Sá (2022), D. Manuel ofereceu às diversas confrarias de Misericórdia, “...esmolas em açúcar, incenso e especiarias...” (Sá, 2022, p. 40). com o intuito de criar uma relação económica e de patrocínio entre o rei e as comunidades locais. Apesar de ter sido D. Leonor a fundadora, foi D. Manuel que criou a ação legislativa a favor das Misericórdias, atribuindo muitas benesses. As leis manuelinas contribuíram assim para o desenvolvimento das mesmas, concedendo privilégios aos irmãos, no que toca ao seu papel em tribunal e ao seu papel fora do reino, como o facto de poder trazer armas fora de horas permitidas, como também os pobres que assistiam pudessem entrar nos hospitais e nas enfermarias. Além disso, os irmãos que faziam parte da “mesa”, ou seja, os que geriam as misericórdias, ficavam isentos de pagar empréstimos, e não podiam ser obrigados a integrar procissões contra a sua vontade (entre outras regras).

Além destes fatores, as frequentes deslocações da monarquia também permitiram a grande difusão das misericórdias um pouco por todo o território português. Sendo que

para todo o lado que a corte ia, instituía-se uma misericórdia, existem relatos de “tendas da misericórdia”, que acompanhavam o rei, “Não sabemos a utilização que tiveram, mas o facto de se tratar de tendas, indispensáveis nas deslocações da corte, faz pensar que provavelmente poderiam ter sido montadas em vários locais por onde esta estanciou” (Isabel Sá e Maria Lopes, 2008, p. 29).

As mesmas autoras interrogam-se em como se pode caracterizar a ação inicial das misericórdias em matéria de práticas de caridade, dando inúmeros pontos que explicam esta questão. Nomeadamente, o facto de as misericórdias não possuírem instituições sob a sua tutela, limitando-se apenas à ajuda dos pobres. É exemplo disso os presos, que eram vistos como tendo a sua própria alma presa ao corpo, sendo que, neste contexto, era importante retirar as ossadas dos mesmos dos locais de execução e oferecer o sepultamento.

Neste contexto, como não tinham instituições próprias, a visita era vista como momento privilegiado de compaixão pelo próximo (Sá e Lopes, 2008), “Visitar presos, mas também doentes e pobres em suas casas transformou-se numa das práticas mais correntes nas misericórdias das primeiras décadas” (Sá e Lopes, 2008, p. 31), inspirado no culto mariano, mais propriamente no episódio da visitação.

Em relação à incorporação dos hospitais às misericórdias, aconteceu apenas no ano de 1521, no Porto, num Alvará. À exceção deste, os restantes novos hospitais como o Hospital de Todos os Santos de Lisboa ou o hospital de Beja, fundado pelo rei D. Manuel não detinham essa relação. No entanto, segundo Gusmão (1958), o Hospital do Espírito Santo de Évora foi o único que prevaleceu até aos dias de hoje. A sua fundação remonta ao ano de 1595, por D. Manuel, não sendo criado devido à fusão de hospitais pequenos, mas sim criado antes dessa fusão.

Foi através do Concílio de Trento (1545-1563), que os monarcas portugueses conseguiram alcançar um estatuto jurídico para as misericórdias, “Passaram a ser confrarias sob protecção régia, ou seja instituições que, embora de índole religiosa, estavam sob a jurisdição do rei” (Sá e Lopes, 2008, p. 35). O que permitiu às misericórdias manter os seus objetivos religiosos, sendo fiéis a Roma.

A partir desta altura as mulheres eram apenas apresentadas como mães solteiras “Mães solteiras e bastardos assumiram uma condição social crescentemente marginal, comparada com a Idade Média onde eram presença habitual e bem mais tolerada não só

pelas próprias famílias, como pelas autoridades” (Sá e Lopes, 2008, p. 38). Desta forma, criaram-se instituições próprias, os recolhimentos, onde estas viviam enclausuradas, sob as regras conventuais, mas sem votos solenes, sendo que poderiam regressar à vida normal do exterior. Consequentemente, tornou-se comum pagar dotes a mulheres pobres para conseguirem obter o matrimónio.

O papel de D. Manuel na difusão das Misericórdias, foi tão importante que “Ao todo, e até ao momento, encontra-se documentada a existência de 43 misericórdias no reinado de D. Manuel, mas é provável que houvesse outras cuja documentação se perdeu ou não se conhece ainda” (Paiva et al. 2002, p. 22).

3.2.1 No Período Moderno

Nesta época, as misericórdias já seriam instituições bastante confiáveis, sendo que a tendência foi a de incorporar novos hospitais às mesmas. Segundo as autoras: “Para além das instituições que administravam, as misericórdias ajudavam ainda os seus róis de pobres, a domicílio no caso dos envergonhados, faziam distribuições semanais de esmolas, albergavam peregrinos, entravam nas cadeias para alimentar e tratar os presos, etc... Acompanhavam ainda os doentes ao local de execução e retiravam os seus restos mortais (quando era caso disso) no dia de Todos os-Santos, num cortejo solene que era conhecido por Procissão dos Ossos” (Sá & Lopes, 2008, p. 45).

As misericórdias tornaram-se instituições bastante desenvolvidas que empregavam inúmeras pessoas para manter os seus serviços em funcionamento, como capelães para celebrar as missas, enfermeiros, serventes, cozinheiras, médicos, cirurgiões para os seus hospitais, como também os próprios serviços administrativos. Foi devido à acumulação de propriedades fundiárias que permitiu que a misericórdia se expandisse. As próprias autoras indicam que “Uma das chaves para entender o sucesso das misericórdias portuguesas consistia na sua orgânica de autonomia de cada uma delas em relação às outras...” (Sá & Lopes, 2008, p. 49). Além disso, “A única autoridade perante quem as misericórdias respondiam era o rei, que por sua vez delegava o seu poder nos corregedores e provedores, mas exercia o seu poder de forma irregular” (Sá & Lopes, 2008, p. 50). Sendo que o Rei só intervinha quando a desordem era de grande escala ou então por pedido interno.

Sendo que, segundo Paiva et al. (2002), a maior despesa das Santas Casas seriam os Hospitais, não só devido aos funcionários que exigiam, mas também os doentes, principalmente os pobres. Tendo sido os principais que originaram um outro grupo, “os enjeitados”. Como as misericórdias eram financiadas pelas câmaras, também “herdaram” as crianças abandonadas “Na verdade, os doentes e os enjeitados estiveram sempre na linha da frente quando as misericórdias solicitavam a Roma a comutação das verbas destinadas às missas para as aplicarem no financiamento dos hospitais” (Paiva et al. 2002, p. 68).

Segundo Paiva et al. (2002), foi também a partir do séc. XVI que se clarificou o estatuto dos que ingressavam nas misericórdias, sendo que inicialmente teriam existido dois membros “. Uns designados por irmãos, outros por confrades, recrutando-se aqueles entre estes, os melhores entre os melhores, a quem era entregue o destino das instituições” (Paiva et al. 2002, p. 52). Além disso, “Como o caso da Misericórdia de Évora demonstra, até aos finais do século XVI não se verificou ali qualquer restrição social ou sexual à integração de novos associados. Mas em Évora, tal como em Lagos e em Grândola, muitos desses outros irmãos eram identificados como “pedidores”, indivíduos geograficamente recrutados nas áreas onde as misericórdias não tinham quem recolhesse as esmolas” (Paiva et al. 2002, p.53).

É importante também referir que apesar do caráter social das Santas Casas, apenas as elites poderiam ser consideradas “irmãos” da Santa Casa, pois os seus compromissos exigiam prova de limpeza de sangue. No entanto, haveriam sempre exceções “Ilustram-no bem as exceções relativas à admissão de cristãos-novos, que eram excluídos dos órgãos de gestão das misericórdias e de participação dos actos religiosos públicos, mas que gozavam das demais regalias materiais e espirituais que as confrarias ofereciam...” (Paiva et al. 2002, p.53).

Apesar de D. Manuel ter sido o principal impulsionador do desenvolvimento das misericórdias, estas foram sujeitas a mudanças até ao final do período moderno, principalmente devido à sua discriminação com base na limpeza de sangue e à falta de presença de mulheres na confraria. Segundo Sá (2022), as mães solteiras e os bastardos assumiram uma condição social marginal, além disso, a preocupação em pagar os dotes de raparigas pobres para conseguirem casar e escapar da sua condição.

Além disso, neste contexto de séc. XVI, no reinado de D. João III, o património das Misericórdias foi-se transformando em dívida da Coroa “...proporcionado sobretudo pela

conversão em dinheiro das heranças e legados transmitidos pelos doadores, ou até mesmo a dádiva de padrões de juro em regime vincular” (Sá, 2022, p. 47). Que se tornou a principal fonte de rendimento nos séculos posteriores.

Quando Pombal surge no poder, as misericórdias perdem o poder. Sendo que Pombal implementou diversas leis de proibição de empréstimos pelo reino, sem que fossem para investimentos em companhias específicas, sendo que nenhuma delas seriam as misericórdias. Dentro dessas inúmeras leis, é exemplo a lei implementada no ano do grande terramoto de Lisboa de 1775, em que as misericórdias passam a ter de pagar a décima.

Este “ataque” às Misericórdias resultou um pouco na perda dos seus rendimentos, sendo que foi necessário no séc. XVIII a criação de lotarias. Além de Pombal, houve outros momentos que levaram a essa crise financeira, como as invasões francesas “Simultaneamente, a abertura dos portos brasileiros ao livre comércio (1808) e a assinatura de um tratado comercial com a Inglaterra (1810) foram catastróficos para a economia nacional. É claro que tudo isto provocou uma subida de preços extraordinária, empobrecimento brutal e generalizado, fuga de populações, órfãos aos milhares vagueando pelos caminhos, aglomeração de pobres nas cidades onde procuravam ajuda, propagação de epidemias e incapacidade das instituições de assistência para responder às necessidades. Em 1820 a revolução liberal triunfa, dois anos depois o Brasil proclama a independência e em 1828 um golpe de estado absolutista retoma a antiga ordem. De 1832 a 1834, ano da vitória liberal, Portugal debate-se numa sangrenta guerra civil” (Sá & Lopes, 2008, p.76).

3.2.2 Na Primeira República

Segundo Isabel Sá e Maria Lopes (2008), a primeira República não foi agressiva com as misericórdias, “O maior efeito foi sentido na drástica redução dos actos de culto, mas enquanto instituições de beneficência “recebem do Estado o maior respeito e apoio” (Sá & Lopes, 2008, p. 98).

As misericórdias começaram a perder bastantes rendimentos a partir de 1914-16, devido às guerras e à pneumónica que provocou o empobrecimento das populações. Além disso, estariam em descabro com a desamortização e a desvalorização dos títulos.

É devido a esta crise que os dirigentes das misericórdias realizam em março de 1924, o 1º Congresso das Misericórdias, de forma a angariar alguns fundos. Depois desta surgiram outras, como a lei de 29 de julho do mesmo ano, que “...permitiu ao governo saldar os défices contraídos até ao fim do ano anterior de todas as misericórdias que mantivessem serviços de assistência” (Sá e Lopes, 2008, p.101). Além disso, “No mesmo ano, a 8 de Setembro, autorizou-se o governo, entre outras medidas, a lançar em cada concelho um adicional até 5% sobre todas as contribuições gerais directas do Estado, cujo produto revertaria para as instituições de beneficência do concelho que dele necessitassem” (Sá e Lopes, 2008, p. 101).

Por fim, o decreto de 1 de novembro tornou obrigatório a assistência de todas as misericórdias em todos os concelhos: “...socorro aos doentes em hospitais e domicílio, protecção às grávidas e recém-nascidos, assistência à primeira infância desvalida e aos velhos e inválidos de trabalho caídos em indigência” (Sá e Lopes, 2008, p.102).

3.2.3 No Estado Novo

Este período da história foi extremamente importante para as misericórdias, pois o Estado Novo permitiu o seu reflorescimento, tornando-as órgãos centrais, orientadores e coordenadores dos concelhos, “Segundo o Código Administrativo de 1936, como já se dispusera em 1928, as misericórdias eram consideradas os organismos primordiais e coordenadores da assistência em cada concelho” (Sá e Lopes, 2008, p. 104).

O 2º Congresso das Misericórdias em 1929, realizado no Porto, surgiu devido ao problema da orientação espiritual, no qual “A sua comissão organizadora delimitou três matérias a debater: 1) Actualização dos juro dos títulos do Estado cuja aquisição fora obrigatória; 2) Conveniência de as misericórdias manterem na sua orientação beneficente e caritativa os princípios doutrinários que inspiraram a sua fundação; 3) “Interesses das misericórdias em geral”” (Sá e Lopes, 2008, p.105). Resultando na união geral das misericórdias e da concessão de igualdade de direitos e deveres dos confrades do sexo feminino.

O decreto lei de 7 de novembro de 1945, veio reforçar o que eram as misericórdias “Segundo esse decreto, as misericórdias são estabelecimentos de assistência ou beneficência com compromissos “elaborados de harmonia com o espírito tradicional das instituições para a prática da caridade cristã”” (Sá e Lopes, 2008, p. 109), partilhando a

sua tutela com o Estado. No entanto, este decreto provocou indignação dentro de muitas misericórdias e da sua hierarquia, pelo que foi necessário um 4º Congresso das Misericórdias, em dezembro de 1958.

O 4º Congresso das Misericórdias foi um dos mais importantes, pois abriu a sessão o arcebispo de Évora, D. Manuel Trindade Salgueiro demonstrando a importância da Santa Casa da Misericórdia de Évora ainda no Estado Novo. No entanto, não conseguiram reverter os direitos das misericórdias, sendo que antes do Estado Novo as mesmas seriam de poderio individual, o rei só aparecia quando houvesse desorganização extrema. E agora seriam do Estado, não tendo os seus direitos individualizados.

A década de 60 marcou um novo rumo para as misericórdias, em 1966 o novo código civil permite às misericórdias "...adquirir e conservar bens imóveis a título gratuito e, mediante autorização do governo, a título oneroso. A partir de 1966 funciona a Corporação da Assistência, formada pelo conjunto das misericórdias e outras instituições de assistência" (Sá e Lopes, 2008, p.117). Além disso a Direção Geral de Assistência concedeu ajudas financeiras e a Fundação Calouste Gulbenkian, a partir de 1968 o Totobola da Santa Casa de Lisboa é parcialmente remetido para as misericórdias.

3.2.4 Na Democracia

No ano de 1974, os hospitais da misericórdia passaram a ser administrados por comissões nomeadas pelo governo. Sendo que as misericórdias ficaram sem os hospitais, estas teriam de ter outras alternativas para exercer a sua ação social. O 5º Congresso das Misericórdias "...reclama para as misericórdias a natureza de instituições eclesiais e considera que na terminologia do novo Código Canónico¹⁰⁷ deveriam ser integradas nas associações particulares de fiéis" (Sá e Lopes, 2008, p.121). Este Congresso devolve às misericórdias a posse e a administração dos bens, como também a sua liberdade e autonomia, e, por último, que seja criado um órgão nacional que assegure a união de todas as misericórdias.

Esse órgão é precisamente a União das Misericórdias Portuguesas (UMP), as autoras Isabel Sá e Maria Lopes (2008) concluem que, neste congresso: "Estava consumada a transformação da natureza das misericórdias portuguesas. Até ao século xx foram associações independentes, atuando dentro da doutrina católica, tendo por objetivo praticar as obras de misericórdia para com os vivos e os mortos, totalmente autónomas da

jurisdição eclesiástica e só respondendo perante o poder político central” (Sá e Lopes, 2008, p.124). As autoras sustentam ainda esta ideia, com o facto de que diversos autores do ano de 1988, como Virgílio Lopes e Fernando Caldas, entre outros, afirmam que as misericórdias são associações privadas de fiéis.

3.2.5 Na atualidade

As autoras Isabel Sá e Maria Lopes (2008) concluem que depois destes séculos todos de criação e desenvolvimento das misericórdias, as mesmas continuam a ser das instituições mais dinâmicas e principais entidades empregadoras. “Mantendo o espírito cristão, cujo culto promovem, respondem, porém, na prática, às actuais formulações de protecção e solidariedade social que decorrem do apelo da dignidade da pessoa humana e não de imperativos religiosos” (Sá e Lopes, 2008, p.131). Demonstrando que “Segundo publicação da UMP com data de 2000, estavam activas 384 misericórdias, em boa parte com equipamentos de acção social, respondendo a novas formas de pobreza e a novas necessidades sociais: os lares de terceira idade, os centros de dia, o apoio domiciliário, os jardins de infância, as creches, e até outras actividades menos vulgarizadas como residências de seropositivos, transporte de deficientes, ludotecas, colónias de férias, oficinas profissionais, etc” (Sá e Lopes, 2008, p.130-31).

3.3 A Fundação da Misericórdia de Évora

Segundo Mendeiros (2018), a Santa Casa da Misericórdia de Évora foi uma das primeiras a ser fundada em Portugal, sendo que a primeira foi decerto a de Lisboa. A sua inauguração foi a 7 de dezembro de 1499, contando com a presença do Rei D. Manuel e de sua esposa, Rainha D. Maria, como também a Rainha D. Leonor, conhecida como instituidora das misericórdias. O primeiro irmão e provedor das Santas Casas foi justamente D. Manuel I. Gusmão (1958) afirma que, no espaço de um ano, o número de irmãos da Santa Casa da Misericórdia de Évora era mais de o dobro do que a de Lisboa, ultrapassando os cem.

Segundo Gusmão (1958), “As primeiras receitas com que a Misericórdia contou eram provenientes de esmolas, de legados, de doações, de peditórios e de mealheiros que se espalhavam pela cidade...” (Gusmão, 1958, p. 134). Sendo que apenas em 1561 é que passa a ser permitido bens imóveis.

A sua primeira sede foi na capela de São Joãozinho, na lateral da atual igreja de São Francisco, nas casas anexadas à mesma. Em 1551, com o acrescento dos irmãos e das suas atividades religiosas, mudaram-se para o mosteiro de S. João de Jerusalém, onde residiam anteriormente as monjas de Malta. Segundo o mesmo autor, esta segunda sede da misericórdia foi onde se realizou a expansão e criação das Salas do Consistório, Secretaria, Despacho e Botica. Infelizmente, no início do séc. XX estas salas foram “mutiladas” (Mendeiros, 2018), para se instalar o edifício dos CTT.

Com a implantação da República mudou novamente de sede para as instalações do Hospital do Espírito Santo. Sendo que após a lei de separação dos bens da igreja do estado, em 1975, a sede mudou-se novamente. Ocupando provisoriamente o nº5 da Rua de Aviz até setembro de 1979. Em que finalmente se estabeleceu na sede atual na Rua Mendo Esteves.

3.4 Elementos das Misericórdias

3.4.1 O Compromisso

As Misericórdias existem desde o séc. XV, pelo que detém inúmeros documentos nos seus arquivos que podem ser estudados na atualidade. Dentro destes, o autor Coelho (2017), destaca a importância do Compromisso, que é entendido como um documento que gere a Misericórdia, com as leis fundamentais da mesma, concedidas inicialmente pelo Rei D. Manuel “Nele está definida a constituição da irmandade, os seus objetivos, cargos, funções e modo de atuar” (Coelho, 2017, p. 35). Apesar do discurso do compromisso se ter alterado ao longo dos séculos, a natureza e os fundamentos que orientam as Misericórdias mantém-se, demonstrando assim o impacto do mesmo, “As mais recentes alterações ao Compromisso são datadas de 30 de setembro de 2015. O Compromisso atual é constituído por 54 artigos dividido por 7 capítulos. O quarto capítulo, relativo aos órgãos sociais da instituição, está dividido em 5 secções. (Coelho, 2017, p. 38).

3.4.2 Os cargos

Dentro dos muitos cargos dos funcionários que a Santa Casa detinha, os mamposteiros ou pedidores eram aqueles que recolhiam as esmolas, foros e rendas das propriedades de cada freguesia. “A figura do mamposteiro surge à medida que os pobres vão sendo gradualmente proibidos de pedir esmolas. Os peditórios passam nesta altura a ser feitos

pela Misericórdia que recorriam para o efeito aos pedidores ou mamposteiros, os únicos autorizados a fazê-lo” (Coelho, 2017, p. 50).

3.4.3 A assistência espiritual

Segundo Sá e Lopes (2008), o pobre raramente surgia nas fontes documentais, e quando surgia era porque alguém das elites escrevia sobre o mesmo. Ou seja, não temos fontes que retratem o olhar do pobre sobre a ajuda que recebia das misericórdias. No entanto, as autoras afirmam que esta assistência era tudo um “jogo”, um “negócio” de influências, e de imagem de quem pedia e de quem dava. “Para ter ajuda, sobretudo se esta implicasse um encargo pesado em termos de capital social ou económico, o pobre deveria ter crédito junto de quem tomava as decisões de o ajudar, neste caso os irmãos da misericórdia” (Sá e Lopes, 2008, p. 62-63).

As Misericórdias cuidavam dos pobres do reino, sendo que dentro destes existiriam os denominados “expostos”, “Os expostos ou enjeitados eram crianças que por um número variado de razões, normalmente associadas à pobreza e incapacidade de criação, eram abandonadas à porta das igrejas, de particulares ou nas rodas de conventos” (Coelho, 2017, p.77). Segundo o mesmo autor, a responsabilidade de cuidar destas crianças, foi durante muitos anos do Município. Sendo que, nos seus primórdios, a Casa de São Lázaro era assim denominada devido aos doentes da lepra, ou também conhecida como “Mal de São Lázaro”, e localizava-se perto das Portas do Raimundo. No séc. XVI, devido ao número reduzido de doentes da lepra, a Câmara Municipal pede para que a Casa albergue as crianças enjeitadas. Por sua vez, o Cardeal D. Henrique, em 1568, manda que o Hospital (ou Casa), e as crianças que alberga sejam entregues à Santa Casa da Misericórdia de Évora. Além destes pobres, também se incluía as órfãs e o pagamento dos seus dotes pela Misericórdia: “Era função da Misericórdia escolher, segundo determinados critérios, quem podia ou não receber dote. As candidatas deviam ser pobres, terem boa fama, serem residentes na cidade e terem a idade considerada recomendada” (Coelho, 2017, p. 85). Além disso, os presos tinham um valor simbólico para as misericórdias, principalmente os presos pobres. Nestas situações, segundo Sá (2022), os irmãos eram imprescindíveis: “O trabalho de conciliar pessoas desavindas levou a que os irmãos desempenhassem o papel de mediadores entre as partes em confronto, realizando perdões em nome do rei. Sempre em delitos de carácter menor, relacionados com inimizades, ou injúrias verbais, pelo que devemos integrar estes acordos no quadro da prática das obras espirituais” (p. 44).

Além dos presos pobres, também existiam outros tipos de pobreza, como os resgates de cativos, que era importante para que estes não se convertessem à religião do inimigo. Os resgates de cativos pobres eram financiados pela Misericórdia. A qual fazia peditórios públicos e deixavam-se legados em testamento, além disso, “Existiam ordens religiosas especialmente vocacionadas para os agenciar, como por exemplo os Trinitários, implantados em Portugal em 1207, e que reclamaram o exclusivo do exercício dessa obra de misericórdia na segunda metade do século XVI” (Sá, 2022, p. 44).

As sete obras de assistência espiritual das Misericórdias desempenham um papel fundamental no funcionamento da instituição. Como o próprio autor Coelho (2017) indica, o exemplo mais notório disso é a Igreja da Misericórdia, onde se encontra em anexo o atual Museu da Misericórdia. Segundo o mesmo autor, o culto e todos os rituais religiosos são um elo de ligação entre a comunidade e as tradições cristãs. O capelão também é importante no sentido de difundir todo o projeto de caridade da Misericórdia.

No que diz respeito às outras sete obras, as corporais, Sá (2022) explica que: “As obras de misericórdia corporais, portanto, significavam antes de mais a necessidade de prover à sobrevivência física dos pobres: não morrer à fome nem à sede, ser tratado na doença, e alojado durante longas viagens, geralmente feitas a pé. Já as obras espirituais de caridade espirituais não se destinavam apenas a pobres, mas relacionavam-se com regras de convivência social: sofrer pacientemente ofensas, dar bom conselho a quem o pede, fazer a paz entre inimigos. A usar um vocabulário atual, diríamos que o seu objetivo era salvaguardar a dignidade de cada um perante situações adversas, de modo a contribuir para a harmonia da comunidade, ou evitar o agravamento da conflitualidade existente. Exigiam controlo de si, de modo a evitar a escalada de conflitos, em sociedades marcadas por índices elevados de violência física e verbal” (p. 45). No entanto, Sá (2022) afirma que “As catorze obras de misericórdia não devem ser entendidas isoladamente, porque a maior parte das práticas de caridade as agregavam entre si. Jamais foram praticadas independentemente umas das outras, e possuíam até valor cumulativo...” (p. 43).

3.5 A Igreja da Misericórdia

A construção da Igreja da Misericórdia remonta a 1554, sendo que terminou em 1577. No entanto, a primeira autorização da missa foi em 1593, quando terminou também a construção do altar-mor. Segundo Coelho (2017, p.64), “Em termos arquitetónicos é uma

obra que reflete a transição do Renascentista para o Barroco”, além disso, segundo Mendeiros (2018), é conhecida como uma das mais grandiosas obras do Renascimento eborense, onde se nota a transição para o Maneirismo, “Exteriormente, nos alçados sul e nascente, conserva a majestosa sobriedade e a robustez válida dos moldes renascentistas, contrafortada, a sul, por botaréus graníticos de grande aparelho com cachorrada clássica talqualmente as igrejas eborenses da Santa Clara, Loios, Santiago e Calvário” (Mendeiros, 2018, p. 14).

O altar-mor foi arquitetonicamente elaborado por Manuel Pires, que foi conhecido como mestre das obras do Cardeal D. Henrique. A sua frontaria é da autoria de Gregório das Neves, pedreiro de Vila Viçosa, sendo que a reconstrução da mesma é datada de 1775, que adicionou o pórtico, em mármore branco, onde figuram as armas nacionais e a janela do coro.

Além disso, Mendeiros (2018), relata que o pórtico de mármore branco é originário de Estremoz, lavrado em 1765 pelo canteiro de Elvas, Gregório das Neves. O escudo nacional que se encontra à frente é uma restauração, sendo que o original foi destruído em 1927. Por fim, a porta, demonstra as “...madeiras brasileiras e fechos de aplicação em bronze, reforçadas com ricas almofadas” (Mendeiros, 2018, p. 14).

O salão ou parte central da mesma, é forrada de azulejos, telas e talhas douradas datados de 1716. Além disso, “A abóbada, de meio canhão, é revestida de caixotões rectangulares e ovais, de tabelas e estuques revelados. Balaustrada de nívelo mármore, com dois lanços de escadas laterais, separa a Capela-mor do corpo da Igreja” (Mendeiros, 2018, p. 16).

A Igreja é também constituída por quatro altares, sendo três frontais e um lateral. “O altar-mor é dedicado a Nossa Senhora da Visitação, padroeira das Misericórdias; o do lado da Sacristia, primitivamente dedicado a S. João Baptista (...) e actualmente à Senhora da Piedade (...) o altar das Almas, com a tela setencista “S. Miguel pesando as almas”; e, de lado, o altar do Santíssimo, com arco e guarnição de mármore embutidos (...) talhas douradas do entalhador João da Mata, de 1975...” (Mendeiros, 2018, p. 16-17).

Quando se procedeu ao restauro em 1787, das telas de José Xavier de Castro, (de 1737), pelo pintor José Miguel Potes Cordovil, descobriu-se por baixo os murais que representam as Obras da Misericórdia Corporais. Sendo estas da 2º metade do séc. XVI, do estilo maneirista, e da autoria de Francisco de Campos. No entanto, através de arquivos da Santa Casa sabe-se que o autor original é Francisco Lopes Mendes, e não Francisco de

Campos (Mangucci et al. 2019). As obras corporais da Misericórdia estão representadas pelas telas conforme a sua ordem:

- 1º Dar de comer a quem tem fome
- 2º Dar de beber a quem tem sede
- 3º Vestir os nus
- 4º Visitar os enfermos e encarcerados
- 5º Dar pousada aos peregrinos
- 6º Remir os cativos
- 7º Enterrar os mortos

Os azulejos da Igreja, também representativos das Obras da Misericórdia, mas espirituais, são originários do séc. XVIII, mais precisamente do ano 1716, “...encomendados pelo empreiteiro Manuel Borges e executados em Lisboa pelo célebre ceramista António de Oliveira Bernardes, autor dos painéis das igrejas eborenses dos Loios e da Senhora da Cabeça.” (Mendeiros, 1º edição, p. 14). As obras espirituais da Misericórdia estão representadas pelas telas, devidamente ordenadas:

- 1º Dar bom conselho
- 2º Ensinar os ignorantes
- 3º Consolar os tristes
- 4º Corrigir os que erram
- 5º Perdoar as injúrias
- 6º Sofrer com paciência as fraquezas do próximo
- 7º Rogar a Deus pelos vivos e defuntos

Resumidamente, segundo Coelho (2017), “no interior da Igreja podemos destacar três elementos principais:

- o retábulo do altar-mor, uma construção de oficina eborense do início do século XVIII em talha dourada, com duas colunas salomónicas que se destacam no centro;
- os azulejos que cobrem as paredes, datados de 1715, da autoria de Manuel Oliveira Bernardes, ostentando imagens que descrevem as Sete Obras Espirituais de Misericórdia;
- as pinturas, num conjunto de sete telas, da autoria do pintor eborense José Xavier de Castro, datadas de 1737, descrevem as Sete Obras Corporais de Misericórdia” (p.64). De acordo com o mesmo autor, são várias as celebrações que refletem a ação de apoio espiritual da Misericórdia de Évora. Sendo que se destaca associada à Igreja, a Procissão

do Enterro do Senhor, a Procissão das Endoenças (ou Indulgências) e a Cerimónia de Lava-Pés.

3.6 Hospital do Espírito Santo e outros patrimónios

Até ao século XV existiram inúmeras albergarias e hospitais em Évora, sendo que em 1498, por imposição régia funde-se os mesmos num só, conhecido como o Hospital do Espírito Santo. O alvará de 10 de março de 1567 passa a administração do Hospital para a Santa Casa, pois antes o cuidado dos doentes era muito mais rudimentar (Coelho, 2017). Segundo o mesmo autor, nas fontes do arquivo de Évora comprova-se que o Hospital foi administrado pela Santa Casa de 1567 a 1975. Além disso, refere que a partir do século XIX os eborenses consideram o “Lázaro” inválido, contrariamente à ideia dos séculos anteriores em que seria associado a um leproso.

Relativamente ao apoio domiciliário, este é mais recente, tendo o seu começo apenas em 1982, “A prestação deste serviço visa facultar o cuidado no domicílio a indivíduos que, por motivos vários, não tem condições para assegurar o suprimento das suas necessidades básicas. Para além de salvaguardar as necessidades básicas dos utentes pretende-se, com este serviço, promover a sua autonomia e contribuir para a melhoria da sua qualidade de vida” (Coelho, 2017, p. 103).

O Asilo de Mendicidade Ramalho-Barahona foi criado pela iniciativa de D. Inácia Fernandes Ramalho Barahona, “A sua função principal era o recolhimento, alimentação e apoio de vestuário a indivíduos pobres do sexo masculino, inválidos para trabalhar e necessitados de apoio.” (Coelho, 2017, p. 104). As condições preferenciais de acesso ao asilo seriam aquelas que vivessem na Casa Instituidora do Asilo, os inválidos do distrito que tivessem estado ao serviço da Casa, os inválidos que serviram no trabalho agrícola e os incapacitados por acidentes de trabalho (Coelho, 2017). O edifício foi entregue à Santa Casa da Misericórdia apenas em 1955, restaurado e reaberto em 1982.

Além deste Asilo, a Santa Casa detém o Lar Nossa Senhora da Visitação, fundado em 1994. As Cantinas Sociais são ainda outro projeto que dá resposta social à população que não consegue ter acesso às refeições diárias. A Creche Rainha Dona Leonor surge em 1996, com o objetivo de refletir a preocupação da Misericórdia com as crianças e o seu acompanhamento pedagógico. O Hospital da Misericórdia também faz parte do património administrativo atual, assim como, a loja social, que se estreou em 2015.

Capítulo 4. A experiência de estágio no Museu da Misericórdia

4.1 Motivação para a realização do estágio

A motivação para a realização do estágio deveu-se à vontade e interesse da Aluna em obter uma experiência laboral na área dos museus integrados em igrejas. O facto de ter uma licenciatura na área de História assumiu um interesse pessoal acrescido porque, devido à função de um museu, viu no estágio uma excelente oportunidade para conjugar os saberes adquiridos na área da história e do turismo. Também a sua crescente curiosidade e formação na área de turismo, conjugados com a experiência de voluntariado que teve no Museu da Misericórdia, contribuíram para a sua escolha.

4.2 Objetivos concretizados com a realização do estágio

No que diz respeito aos objetivos concretizados com a realização do estágio, a Aluna enriqueceu o seu conhecimento sobre a história das Misericórdias, a história da Misericórdia de Évora e a história da sua Igreja, assim como também adquiriu uma visão aprofundada sobre a sua missão em prol da comunidade e o seu modo de funcionamento. Além disso, desenvolveu as suas competências sociais no atendimento ao público visitante, na venda de bilhetes e fornecimento de informações sobre Évora, Igreja e Museu e, também, inquiriu os visitantes no âmbito de estudo empírico que se disponibilizou a fazer.

4.3 Breve caracterização da entidade acolhedora do estágio

O Museu da Misericórdia foi oficialmente inaugurado dia 16 de março de 2022, por sua Excelência a Senhora Ministra da Cultura, Doutora Graça Maria da Fonseca Caetano Gonçalves, e pelo Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Évora, o Dr. Francisco Maria Soares Lopes Figueira. A obra foi realizada com o apoio do Fundo Rainha D. Leonor, proveniente da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, com o apoio do Fundo Social Europeu, designado de Alentejo 2020, com o objetivo de não só criar o Museu, mas também restaurar a Igreja da Misericórdia.

4.3.1 Os espaços e condições de acesso

O Museu da Misericórdia dispõe de seis salas expositivas onde se pode conhecer mais sobre a história e o património da Santa Casa. A experiência final da visita culmina no espaço da Igreja, onde se pode observar um jogo de luz e cor resultante do conjunto harmonioso da talha dourada, da pintura a óleo e dos painéis de azulejo. Também é possível observar na própria aplicação digital do Museu, em 360º, do ponto mais alto da igreja, no coro alto, como também na parte de baixo da própria igreja. Além dessas informações, a aplicação IME (Igreja da Misericórdia de Évora) demonstra a localização do Museu no *google maps*.

As condições de acesso são adversas. Apesar de existirem rampas para pessoas que se deslocam em cadeiras de rodas, nem todas as escadas estão adaptadas para essa possibilidade. Além disso, não possuem elevador devido ao edifício ser antigo, com arquitetura do séc. XVIII. A casa de banho é equipada para todos e o seu acesso pela Igreja também.

O Museu encontra-se aberto de segunda a sábado das 10h às 18h. O preço do bilhete de adulto é de 3 euros, jovem de 2 euros, sénior de 1 euro, e os irmãos da Misericórdia e crianças não pagam.

4.3.2 As tecnologias

A aplicação digital é dividida em 6 secções. É acompanhada por áudio, apenas em língua portuguesa, e fotografias dos seus conteúdos, nomeadamente “A igreja – A “Nova” Igreja Setecentista”; “A Igreja – O Culto”; “Património Integrado – Azulejos”; “Património Integrado – Pinturas Sobre Telas”; “Património Integrado – Pinturas a Fresco”; “A igreja – Restauro”. Relativamente ao primeiro tema, é descrita a fachada dourada da Igreja e os seus retábulos. Além disso, é realçada a arquitetura da mesma e dos seus elementos harmoniosos, nomeadamente as obras corporais da Misericórdia, representadas nas telas. Seguidamente, pelo culto, são realçadas as cerimónias mais importantes da Misericórdia, sendo que a procissão do Senhor-Morto é um evento noturno apreciado por todos, turistas, fiéis, irmãos, padres, entre outros interessados, “...são cada vez mais os Eborenses e Turistas que se juntam ao evento, apreciando a cultura religiosa portuguesa numa das suas expressões mais religiosas” (IME, 2022). Além disso, também descreve a cerimónia de Lava-pés, na qual se vê os mesários a lavarem simbolicamente os pés aos utentes dos

Lares da Santa Casa da Misericórdia. Em relação aos azulejos, é mencionado o seu autor, António Oliveira Bernardes, como também são descritas as obras espirituais e atos da Misericórdia que constam nos azulejos. O tema Pintura sobre Telas, descreve as telas sobre as obras corporais da Santa Casa da Misericórdia. As Pinturas a Fresco contêm pouca informação, sendo que se supõe que estariam por baixo das telas, mas são atribuídas ao pintor Francisco João (1563-1595), conhecido como pintor do Santo Ofício. Por último, no Restauro, são descritas as obras que foram restauradas e os seus autores, tanto os originais como os restauradores.

Tendo o Museu surgido muito recentemente não se encontra disponível muita informação adicional escrita sobre as peças que se encontram nas salas expositivas, pelo que a informação mais detalhada escrita é sobre a Igreja setecentista. A informação sobre as restantes peças é conhecida nos mapas digitais espalhados pelas salas do Museu. Apesar de existir uma aplicação digital, a informação descrita é apenas sobre a Igreja, e os mapas digitais são sobre o Museu. Apesar de serem dois elementos diferentes, com informações diferentes, complementam-se. Nos mapas digitais encontra-se informação detalhada sobre cada sala e sobre as peças principais da sala.

O *website* do Museu (igrejadamisericordia.scmavora.pt) é também um meio de comunicação importante com os potenciais utilizadores. Contém informações sobre algumas das peças principais do mesmo, sobre o edifício da Igreja e seus azulejos, telas, frescos, o retábulo, entre outras. Além disso, inclui também uma breve história da Santa Casa da Misericórdia de Évora, do culto e rituais praticados na Igreja, considerando que esta continua bastante ativa na comunidade.

4.3.3 As parcerias

O Museu da Misericórdia encontra-se integrado na Rede de Museus de Évora (RME), a qual resulta de uma cooperação entre várias entidades culturais de Évora, com objetivo de valorizar a cidade e contribuir para a salvaguarda do património. A RME fornece três opções de compra de bilhetes únicos, de 1 dia, de 2 dias e de 3 dias, podendo o visitante adquirir o bilhete em todos os locais aderentes da Rede.

4.4 Atividades desenvolvidas durante o estágio

Durante a realização do estágio curricular, entre os meses de fevereiro e maio de 2023 a Aluna foi envolvida em várias atividades realizadas pelo MME, entre as quais se destacam as seguintes: Apoio na publicação de conteúdos informativos para as Redes Sociais; Apoio nas visitas e exposições; e Planeamento e aplicação de questionários aos visitantes do Museu da Misericórdia.

4.4.1 Apoio na publicação de conteúdos informativos para as Redes Sociais

Na atualidade é importante manter a sociedade informada, sendo que um dos objetivos da comunicação social da Misericórdia é divulgar ao máximo o MME nas redes sociais. Neste contexto, a Aluna foi desafiada a criar conteúdo para as redes sociais, no sentido de atrair mais visitantes para os espaços. Sendo simples publicações para os fins de semana ou nos feriados, para isso a Aluna recorreu ao Canva.com, como sugerido pela sua orientadora de estágio da instituição, e criou publicações com fotografias de várias peças do MME juntamente com frases apelativas, como por exemplo: “Ainda não tem planos para o fim de semana? Venha visitar-nos!”, “Aqui demonstramos um exemplo dos nossos frescos da Igreja. Visite-nos e conheça mais!”; entre outras, como o feriado do dia 1 de maio (dia do trabalhador), em que foi feita uma junção de fotos dos instrumentos de trabalho ligados aos farmacêuticos e também outra de instrumentos ligados ao sapateiro⁶.

4.3.2 Apoio na realização de visitas organizadas e exposições

As visitas guiadas ao Museu eram feitas com marcação prévia, a combinar entre a supervisora do Museu e o historiador que colabora no arquivo da Santa Casa. No entanto, quando este não tinha disponibilidade para comparecer, ou quando o grupo de visita era muito grande, essa responsabilidade também era assumida pela Aluna.

A Aluna colaborou na organização do espaço, onde decorrem exposições temporárias, nomeadamente na exposição “As Vestes do Menino Jesus através dos Tempos” e na “As Obras de Misericórdia – Esculturas de João Concha”. Relativamente à primeira exposição temporária, a organização do Museu elaborou um breve texto explicativo, para divulgar o objetivo da exposição. Começa por indicar que não se encontram registos escritos sobre este espólio, mas que se pode observar a sua beleza e apelar ao seu conhecimento. Além

⁶ Consultar anexo 2.

disso, realça que as vestes e adornos das imagens do Menino Jesus (coroas, anéis e outras joias) são doações feitas por fiéis, como resultado do pagamento de promessas ou apenas de devoção e doação pessoal - “Um bom exemplo disso é a oferta que D. Adelaide da Assunção Martins fez em 1909 à Misericórdia de Évora, de um espólio de várias peças de indumentária ao Menino Jesus Salvador do Mundo, demonstrando a sua grande devoção pela imagem” (Museu da Misericórdia, 2023).

Relativamente à segunda exposição temporária “As Obras de Misericórdia – Esculturas de João Concha”, também foi elaborado um pequeno panfleto com informação. No mesmo encontra-se uma biografia sobre o escultor João Concha, os seus contatos, e um resumo do que são as obras da Misericórdia e o seu significado. O objetivo desta exposição era identificar as obras da Misericórdia nas suas esculturas de ferro, que se encontram no Museu “As peças expostas remetem-nos sempre para os simples e humildes, para o compromisso com as Boas Causas, Missão da Santa Casa da Misericórdia e da sua irmandade. Entre as esculturas expostas encontramos: 1 – A Vergonha; 2 – O Cavador; 3 – O Velho; 4 – O Sapateiro; 5 – O Rapaz do triciclo; 6 – O Cão; 7 – A Prisão; 8 – A Fuga; 9 – O Presépio 1; 10 – O Presépio 2; 11 – Jesus na Cruz; 12 – Jesus a carregar a cruz” (Museu da Misericórdia, 2023).

4.3.3 Planeamento e aplicação de questionários aos visitantes do Museu da Misericórdia

No sentido de enriquecer a sua experiência de estágio no MME, a Aluna foi desafiada a fazer um estudo para conhecer melhor o perfil dos seus visitantes, considerando que o MME é uma estrutura muito recente, que procura valorizar a sua Igreja da Misericórdia, datada do séc. XVI. Neste contexto, no estágio curricular, a Aluna contribuiu com o desenvolvimento de inquéritos de satisfação aos visitantes para analisar os dados e a partir dos resultados, poder contribuir com sugestões para a melhoria da abordagem comercial. O questionário teve como objetivo principal identificar o perfil dos visitantes do Museu, identificar as suas motivações, analisar o contexto da sua experiência durante a visita e o seu nível de satisfação. A aplicação do questionário teve início no dia 21 de março de 2023, e terminou no dia 27 de maio do mesmo ano. Foi possível obter um total de 67 questionários preenchidos.

Nos capítulos que se seguem será apresentada a metodologia e os resultados do estudo, considerando o contexto em que o trabalho empírico decorreu e a importância que teve

para a Aluna reforçar as suas competências, associadas ao desenvolvimento de um trabalho de investigação.

Capítulo 5. Estudo empírico – Metodologia e Contexto

Neste capítulo identifica-se o contexto em que surgiu a oportunidade de a Aluna participar no estudo de análise do perfil do visitante do Museu da Misericórdia e descreve-se a metodologia adotada para o estudo empírico para analisar a satisfação dos visitantes do Museu da Misericórdia, a qual recai no âmbito dos métodos quantitativos. Considerando a revisão de literatura e os objetivos definidos, descreve-se como é que o instrumento de recolha de dados foi planeado e aplicado.

5.1 Enquadramento do estudo empírico para analisar o perfil do visitante do museu

O questionário aplicado para a recolha de dados teve a sua origem num estudo realizado no âmbito do projeto científico designado de PACTUAL (2022-23), integrado no centro de investigação CIDEHUS e coordenado pela Doutora Noemi Marujo. A partir desse estudo, foi proposto à Aluna que fizesse uma abordagem exploratória aplicada ao caso concreto dos visitantes do Museu da Misericórdia, uma vez que a revisão de literatura evidenciou que há poucos estudos que estudam o perfil concreto desta tipologia de museus integrados em igrejas face aos estudos mais genéricos. A partir desta sugestão, a Aluna desenvolveu a revisão bibliográfica que apresentou nos capítulos anteriores para adaptar o questionário à especificidade dos serviços do Museu onde realizou o estágio.

A revisão de literatura foi fundamental para compreender melhor o contexto de realização deste tipo de estudo, que se enquadra na investigação temática dos museus e turismo. No âmbito desta, foram exploradas outras secções, como tecnologia e museus com igrejas anexas, relacionadas com o estudo de caso presente. Além disso, considerou-se a importância do contexto histórico da Santa Casa da Misericórdia, de modo a entender a sua história e transformação no contexto de museu. Também se considerou importante a identificação dos principais estudos realizados sobre esta temática e os seus conceitos, no sentido de construir um bom apoio para o estudo empírico. Para a pesquisa de dados secundários recorreu-se a plataformas online (como a Scopus, Elsevier e Google Scholar), tendo sido depois realizada uma análise documental aos documentos selecionados. Os documentos analisados incluíram livros fornecidos pela Santa Casa, relatórios técnicos, artigos científicos, e sites de estabelecimentos oficiais na área do turismo e história.

A análise de literatura desta área em específico indica-nos que os estudos recorriam maioritariamente a metodologias quantitativas, deste modo considerou-se a mesma como a mais adequada ao objetivo deste estudo.

5.2 Preparação do questionário

A realização da revisão de literatura permitiu à Aluna compreender melhor alguns conceitos e dimensões abordados sobre os temas em estudo. Analisou alguns trabalhos científicos que têm sido feitos em museus para analisar alguns resultados sobre a satisfação dos turistas. Algumas das dimensões comuns aos vários estudos que recorreram à aplicação de inquéritos aos visitantes são sobre género, idade, nacionalidade, nível de educação, local de residência, frequência de visita, e com quem se faz acompanhar durante a visita. Além destas variáveis, que permitiram fazer a caracterização sociodemográfica, também foram identificadas questões sobre as motivações, perceções e opiniões que os utilizadores têm sobre os museus, a exposição que visitaram e o tipo de experiência sentida.

Na Tabela 1 pode-se observar as questões selecionadas para o questionário, organizadas por dimensões, consoante o tipo de análise que se pretendia fazer, e a referência aos autores de estudos anteriores que foram considerados com base na revisão de literatura.

Tabela 1 - Questões incluídas no questionário realizado aos visitantes do Museu

Perguntas	Dimensão de análise	Autores
Quantas vezes já visitou Évora? (Q1) Há quanto tempo está em Évora? (Q2) Como teve conhecimento do Museu da Misericórdia de Évora? (Q5) Com quem está a visitar o Museu? (Q14) Se está hospedado em alguma unidade de alojamento indique qual. (Q15) Género (16) Idade/Em que ano nasceu? (Q17) Nacionalidade (Q18) Qual o nível de estudos mais elevado que completou? (Q19) Em que situação profissional se encontra presentemente? (Q20)	Perfil sociodemográfico	Mamoon e Altal. (2016)
Quais foram as principais motivações para visitar o Museu da Misericórdia de Évora? (Q4)	Motivações de visita	Mamoon e Altal. (2016)
Que tipo de experiência global considera que viveu durante a sua visita ao Museu? (Q9)	Satisfação	Hui e Ryan. (2020)
A visita ao Museu da Misericórdia de Évora correspondeu às suas expectativas? (Q10)	Satisfação	Othman <i>et al.</i> (2013)

Fonte: elaboração própria

O questionário foi administrado em português e espanhol, devido à proximidade do local com a fronteira de Espanha e também em inglês, devido à sua universalidade.

Tabela 2 - Tipo de perguntas incluídas no questionário realizado aos visitantes do Museu

Pergunta		Tipo	Opções de resposta
N.º Q	Conteúdo		
1	Quantas vezes já visitou Évora (incluindo a presente visita)?	Fechada	1 vez, 2-3 vezes, 4-6 vezes, 7-9 vezes, ≥ 10 vezes
2	Há quanto tempo está em Évora?	Fechada	Meio dia, 1 dia, 2 dias, ≥ 3 dias
3	Quantas vezes já visitou o Museu da Misericórdia de Évora (incluindo a presente visita)?	Fechada	1 vez, 2-3 vezes, 4-6 vezes, 7-9 vezes, ≥ 10 vezes
4	Quais foram as principais motivações para visitar o Museu da Misericórdia de Évora?	Fechada	1-Conhecer o museu; 2-Caráter educativo; 3-Razões profissionais; 4-Arte sacra; 5-Curiosidade pela religião católica; 6-Sou católico (a); 7-Viver uma nova experiência; 8-Outra. Qual?
5	Como teve conhecimento do Museu da Misericórdia de Évora? Indique as principais.	Fechada	1-Internet/Redes sociais; 2-Revistas/jornais; 3-Familiares e amigos; 4-Folhetos e cartazes; 5-Guia-Interprete/turístico; 6-Pela sinalização na rua; 7-Passei em frente ao Museu; 8-Outro. Qual?
6	O que é que mais apreciou no Museu?	Aberta	--
7	O que é que menos apreciou no Museu?	Aberta	--
8	Quando pensa no Museu que imagem ou palavra lhe vem à mente?	Aberta	--
9	Que tipo de experiência global considera que viveu durante a sua visita ao Museu? Em cada linha assinale a opção que mais corresponde à sua opinião [1 – Discordo totalmente ... 5 - Concordo totalmente]	Fechada	1-Física; 2-Sensorial; 3-Restauradora; 4-Introspectiva; 5-Transformadora; 6-Hedónica; 7-Emocional; 8-Relacional; 9-Espiritual; 10-Cognitiva
10	A visita ao Museu da Misericórdia de Évora correspondeu às suas expectativas?	Fechada	1-Acima das expectativas; 2-Dentro das expectativas; 3-Abaixo das expectativas
11	Qual o seu grau de satisfação global sobre a visita ao Museu?	Fechada	Muito insatisfeito, Insatisfeito, Nem satisfeito/Nem insatisfeito, Satisfeito; Muito Satisfeito
12	Pensa voltar a visitar o Museu?	Fechada	Sim, Não
13	Vai recomendar o Museu?	Fechada	Sim, Não
14	Com quem está a visitar o Museu?	Fechada	1-Sozinho; 2-Casal; 3-Família; 4-Grupo de amigos; 5-Grupo turístico/excursão; 6-Grupo de colegas de profissão; 7-Outro, Qual?
15	Se está hospedado em alguma unidade de Alojamento indique qual.	Fechada	Alojamento local, Casas de familiares e amigos, Hotelaria, Turismo de habitação, Pousadas históricas, Pousadas da juventude, Parques de campismo e caravanismo, Turismo no espaço rural, Outro: qual?
16	Género	Fechada	Feminino, Masculino, Outro
17	Idade/em que ano nasceu (ou qual a sua idade)?	Aberta	--
18	Nacionalidade	Fechada	1-Espanhola, 2-Francesa, 3-Brasileira, 4-Portuguesa (indique origem: Concelho), 5-Outra. Indique qual: País
19	Qual o nível de estudos mais elevados que completou?	Fechada	Sem estudos, Ensino básico (9º ano, inclusive), Ensino secundário, Bacharelato ou licenciatura, Mestrado, Doutoramento, Outro
20	Em que situação profissional se encontra presentemente?	Fechada	Estudante, Trabalhador independente, Trabalhador por conta de outrem, Reformado, Desempregado, Outro

Nas perguntas referentes às motivações (Q4) e como teve conhecimento do Museu (Q5), o visitante podia escolher diversas. Relativamente à questão sobre o tipo de experiência (Q9), o formato de resposta consistiu numa escala de *Likert*, de 1- Discordo totalmente a 5- Concordo totalmente, para cada tipo. As restantes perguntas foram elaboradas com o objetivo de compreender a apreciação e satisfação do turista perante o museu: ‘O que é

que mais apreciou no Museu?’ (Q6); ‘O que é que menos apreciou no Museu?’ (Q7); ‘Quando pensa no Museu que imagem ou palavra lhe vem à mente?’ (Q8); ‘Qual o seu grau de satisfação global sobre a visita ao Museu?’ (Q11); ‘Pensa voltar a visitar o museu?’ (Q12); ‘Vai recomendar o Museu?’ (Q13).

Concretamente analisou-se o tipo de experiência sentida pelo visitante no museu: Física (movimento, ação, energia); Sensorial (estímulos sensoriais); Restauradora (relaxamento, liberdade, paz, descanso, revitalização); Introspectiva (contemplação, reflexão, introspeção); Transformadora (inspiração, autoconhecimento, criatividade, autorrealização); Hedónica (diversão, excitação, prazer); Emocional (empatia, surpresa, respeito, alegria, nostalgia, espanto); Relacional (interação social, sentimento de pertença e partilha); Espiritual (ligação ao espiritual/sagrado, transcendência, comunhão com a natureza); Cognitiva (intelectual, aprendizagem, descoberta, exploração, envolvimento), de forma a entender o comportamento de visita dos visitantes do Museu.

O questionário foi administrado diretamente em papel, devido à possibilidade de o visitante ter alguma dúvida no preenchimento.

5.2.3 Aplicação do questionário

Para aplicar o questionário foi solicitada autorização prévia pelo Museu da Misericórdia. A aplicação direta do questionário pela Aluna estagiária teve início a 21 de março e terminou a 27 de maio de 2023, no Museu da Misericórdia de Évora. A justificação para a escolha desta data deveu-se ao facto de o estágio ser durante esta altura.

A aplicação do mesmo concretizou-se através de uma abordagem direta e pessoal, para conseguir obter uma maior taxa de respostas e de questionários completos. Foram aplicados em formato papel, abordando os visitantes na receção do Museu. Procurou-se criar empatia e, após o consentimento do visitante em participar, aplicava o questionário no início, durante ou no fim da visita, conforme a disponibilidade e preferência do visitante.

Embora o questionário fosse considerado pequeno, tomando cerca de cinco minutos de tempo ao visitante, na sua aplicação surgiram constrangimentos. Algumas das limitações foram as seguintes: Os visitantes do Museu têm a opção de visitar a Igreja pela sua entrada principal, não tendo acesso ao Museu, logo sem necessidade de o visitar e, conseqüentemente, preencher o questionário; os visitantes também tinham a opção de sair

pela Igreja, depois de visitar o Museu, em vez de saírem pela entrada principal do Museu, não surgindo a oportunidade preencherem o questionário depois da visita realizada; apesar do questionário levar apenas 5 minutos a preencher, muitos visitantes afirmavam que não tinham tempo, ou que já tinham preenchido outros questionários, entre outras razões. Apesar de a Aluna referir que o questionário era importante para a sua investigação, muitos visitantes declinaram o desafio de preencher o questionário. Apesar destes constrangimentos, procurou-se ao máximo aplicar o maior número possível de questionários e garantir que todas as perguntas eram respondidas.

Também se salientam diversos pontos fortes associados a esta aplicação. O facto de a Aluna ter criado empatia e proximidade com os turistas gerou maior interesse, o facto de o questionário ser de preenchimento rápido e, por isso, ter contribuído para uma maior taxa de resposta. Além disso, a Aluna também estava disponível para esclarecer as dúvidas relativamente a algumas questões do questionário, caso surgissem. Na Tabela seguinte sistematizam-se os pontos fortes e os pontos fracos associados a esta aplicação do questionário no Museu da Misericórdia.

Tabela 3 – Pontos Fortes e Pontos Fracos da Aplicação do Questionário

Pontos Fortes	Pontos Fracos
Empatia e interesse entre visitante e estagiária	Há visitantes que não entram nem saem pela entrada principal do Museu
Possibilidade de esclarecimento dúvidas ao inquirido	Nem todos os visitantes demonstraram disponibilidade de tempo para preencher
Espaço do Museu tinha condições físicas que facilitava o preenchimento	Nem todos os visitantes demonstraram motivação para preencher
Questionário breve, de curta duração de aplicação/preenchimento	Há visitantes que entram e saem pela porta da Igreja, não passando pelo Museu

Fonte: elaboração própria.

5.2.4 Método de análise dos dados

Após a aplicação dos questionários, os dados recolhidos foram inseridos e analisados no *software* IBM SPSS *Statistics*, versão 27, para a sistematização dos dados e a discussão dos resultados, e sustentar uma reflexão crítica dos mesmos na investigação.

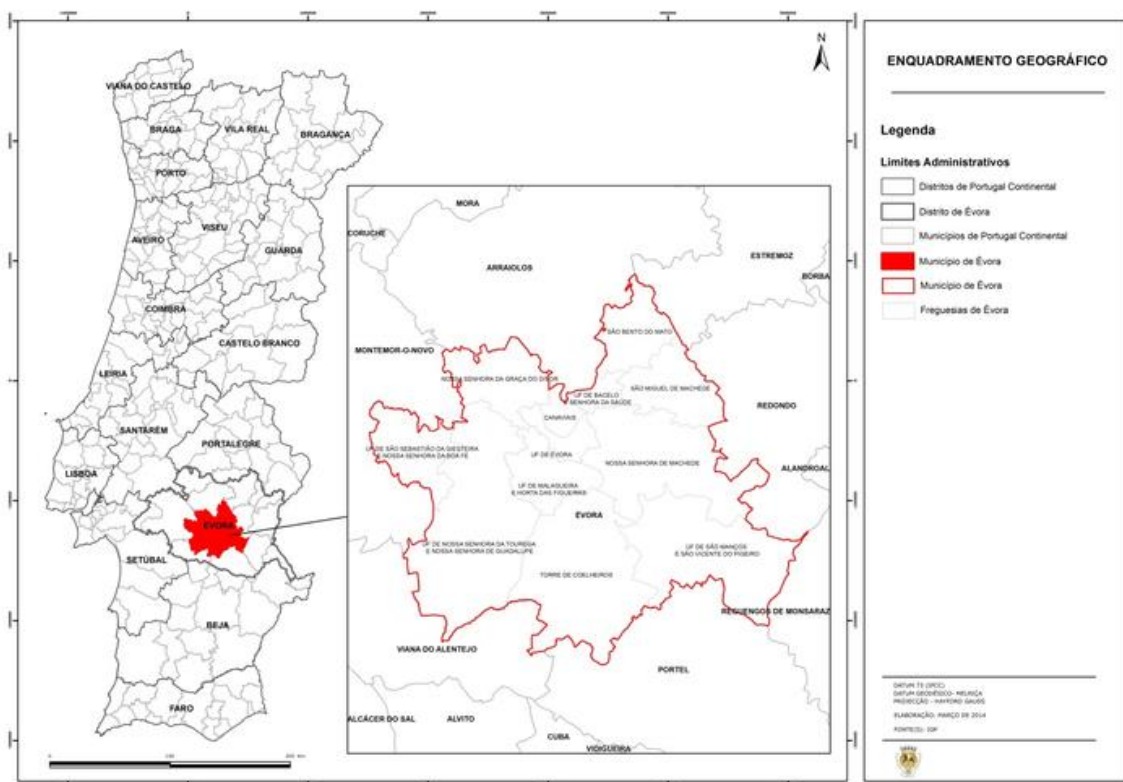
Realizou-se inicialmente uma análise univariada para permitir uma análise exploratória dos dados e caracterizar a amostra, e tirar conclusões acerca dos dados recolhidos. Neste contexto, recorreu-se a uma análise gráfica para compreender rapidamente os resultados referentes a cada questão, descrita qual se descreve no presente relatório.

6.1 Caracterização do Concelho de Évora

Neste capítulo é feita uma abordagem ao Concelho de Évora, o seu enquadramento geográfico, demográfico e turístico. Importante para o contexto em que o Museu se insere.

De acordo com a Câmara Municipal de Évora (2022), Évora é uma cidade que se encontra inserida na Região Alentejo (NUT II) e na sub-região Alentejo Central (NUT III), com uma área de 1307 km², e ocupa cerca de 4,8% da Região Alentejo e 1,4 % do território de Portugal Continental. A nível administrativo, o concelho de Évora encontra-se subdividido em 12 freguesias.

Figura 1- Enquadramento geográfico do concelho de Évora



Fonte: CME (2022)

6.1.1 Enquadramento Demográfico

De acordo com a CME (2022), Évora tem uma densidade populacional de 43,3 habitantes por km². Segundo os censos de 2011, a cidade apresenta-se como um território de baixa densidade populacional. Além disso, residem no concelho 56 596 indivíduos, repartidos por 12 freguesias, 11 destas são de espaço rural, 7 de espaço urbano e apenas 1 em zona de transição. A cidade em si concentra 42 233 residentes, o que corresponde a 74,6 % do total da população residente no município.

Relativamente à taxa de analfabetismo, segundo a CME (2022), de acordo com os censos de 2011, a taxa é de 5,5%, sendo este um valor inferior comparado com o da Região Alentejo de 9,5%, e do Alentejo Central de 9,2%, mas ainda superior à taxa geral de analfabetismo em Portugal de 5,2%.

A população ativa encontra-se em decréscimo, em comparação de 2011 para 2001, de um total de 2301 efetivos em relação ao ano de 2001. A taxa de população ativa em 2001 atinge 53% e em 2011 48,9%.

6.1.3 Enquadramento Turístico

O centro histórico de Évora encontra-se atualmente classificado como Património pela UNESCO desde 1986, e também como Capital Europeia da Cultura 2027.

Além da sua identidade cultural, Évora também detém um património sem igual, sendo que algumas atrações foram transformadas em museus e/ou espaços museológicos, mantendo a sua identidade. No estudo de Sertório (2023) é apresentado um quadro sumário sobre a maioria das atrações turísticas de Évora, o qual se replica na figura seguinte.

Figura 2 - Principais atrações turísticas da cidade de Évora

Monumentos e Edifícios Históricos	Templo romano, Termas Romanas, Aqueduto de Água de Prata, Muralhas, Casa Cordovil, Chafariz da Praça do Giraldo, Chafariz das portas de Moura, Casa Garcia de Resende, Colégio do Espírito Santo, Teatro Garcia de Resende, Palácio de D. Manuel, Biblioteca Pública de Évora, Palácio Cadaval, Ruínas Fingidas, Torre das Cinco Quinas, Circuito Megalítico (Cromeleque dos Almendres, Anta Grande do Zambujeiro)
Museus	Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo, Museu Arte Sacra da Sé de Évora, Museu das Carruagens, Forum Eugénio de Almeida, Museu do Relógio, Museu do Artesanato e do Design -MADE, Casa da Balança - Núcleo Museológico de Metrologia, Núcleo Museológico do Alto de S. Bento, Museu de Évora, Unidade Museológica CEA,
Igrejas e Conventos	Igreja do Espírito Santo, Sé Catedral de Évora, Igreja da Misericórdia, Igreja de S. Brás, Igreja de Santo Antão, Igreja de S. Francisco, Igreja da Nossa Senhora das Mercês, Igreja de São Mamede, Igreja de São Tiago, Igreja de São Vicente, Igreja do Salvador do Mundo, Igreja do Senhor Jesus da Pobreza, Igreja e Convento de Nossa Senhora da Graça, Igreja e Convento de S. José, Igreja e Convento de Nossa Senhora do Carmo, Convento dos Remédios, Convento de S. Bento de Castris, Igreja e Convento dos Lóios, Igreja e Convento de Santa Clara, Igreja de São João Evangelista, Convento da Cartuxa
Praças, Jardins e Outros	Praça do Giraldo, Praça do Sertório, Praça 1º maio, Jardim Diana, Jardim Público, Pátio de S. Miguel, Alto de S. Bento, Praça Joaquim António de Aguiar

Fonte: Elaboração própria com base em CME (2022)

Fonte: Sertório (2023, p. 54).

Esta diversidade de atrações atrai diferentes perfis de turistas, como também diferentes tipos de turismo. Além destas, Évora também apresenta atividades culturais, como a Feira do Livro, a Feira de São João e o Festival de Artes à Rua, entre outros eventos culturais. Estes eventos culturais podem ser consultados na agenda cultural de Évora, que se encontra disponível a todos, e relata as atividades culturais trimestralmente. Além disso, a Rede de Museus de Évora também se encontra enquadrada neste contexto, visto que integra alguns dos museus principais de Évora, e permite que o turista adquira um bilhete único para os visitar a todos.

Capítulo 7. Análise dos dados

Neste capítulo irão ser apresentados os resultados da análise dos dados obtidos através da aplicação de um questionário aos visitantes do Museu da Misericórdia de Évora. Tal como referido anteriormente, foram recolhidos um total de 67 questionários válidos, entre os meses de março e maio de 2023.

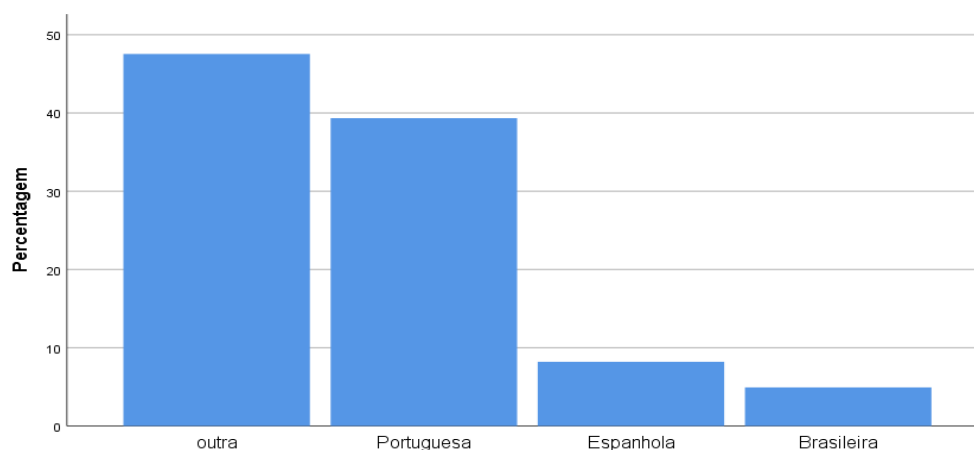
7.1 Caracterização sociodemográfica dos inquiridos

Neste ponto serão analisadas as variáveis Nacionalidade e País de Residência, Concelho, Género, idade, Habilitações literárias e situação profissional.

a) Nacionalidade e País de Residência

No seguinte gráfico de barras observamos que a maioria dos inquiridos são de nacionalidade portuguesa (39,3%). Sendo que a espanhola equivale a 8,2% e a brasileira apenas 4,9%.

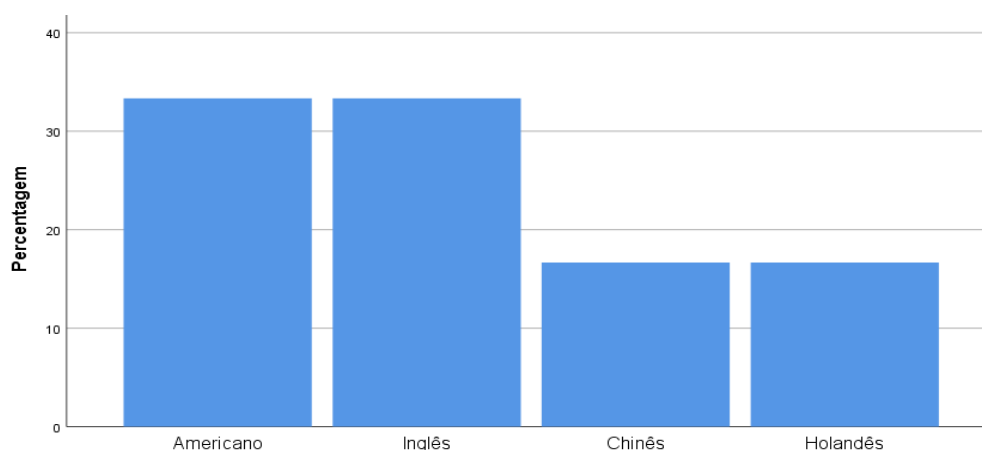
Figura 3 - Nacionalidade dos inquiridos



Fonte: elaboração própria.

Relativamente à opção “outra” na questão da nacionalidade, observamos no seguinte gráfico de barras que tanto a nacionalidade Americana como a Inglesa encontram-se na mesma percentagem (33,3%). Tal como a Chinesa e a Holandesa (16,7%).

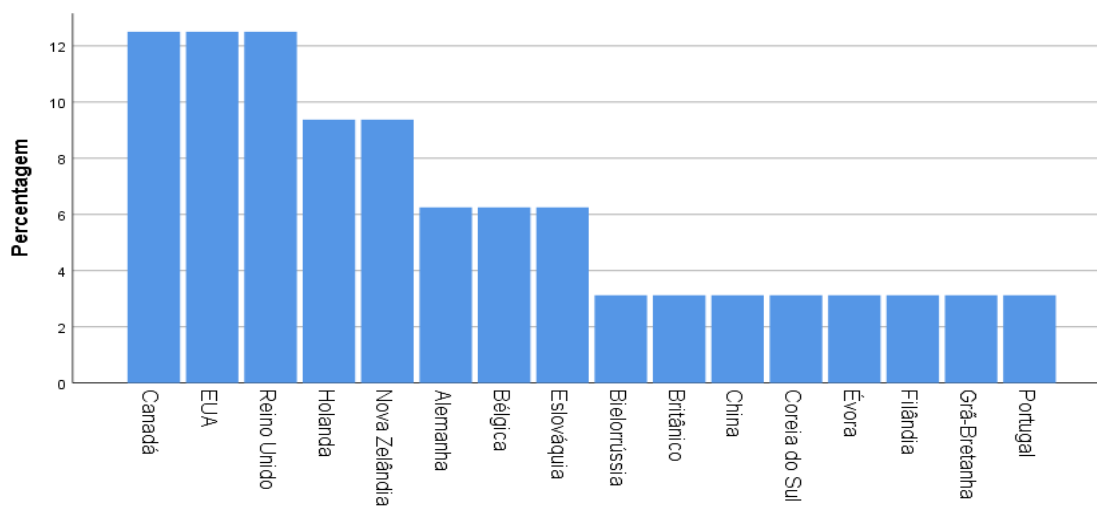
Figura 4 - Outras Nacionalidades dos inquiridos



Fonte: elaboração própria.

Alguns inquiridos não responderam por completo à questão sobre a nacionalidade. Sendo importante a análise da questão seguinte, relativa ao país dos visitantes. Na qual observamos mais respostas no seguinte gráfico de barras. O Canadá, EUA e Reino Unido encontram-se iguais (12,5%). Como também os dois seguintes Nova Zelândia e Holanda (9,4%).

Figura 5 - País dos inquiridos

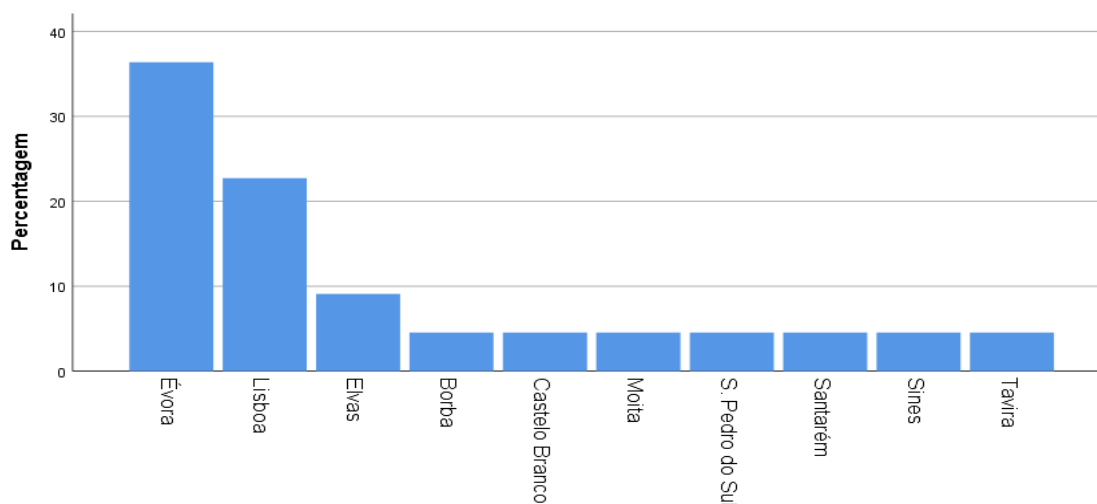


Fonte: elaboração própria.

b) Concelho

No que diz respeito ao concelho de residência dos visitantes portugueses, observamos que a maioria são de Évora (36,4%). De seguida Lisboa (22,7%), Elvas (9,1%), e os restantes concelhos iguais entre si (4,5%).

Figura 6 - Concelho dos inquiridos

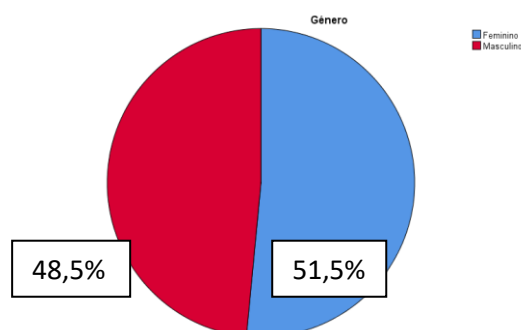


Fonte: elaboração própria.

c) Género, idade

No seguinte gráfico, observa-se que a maioria dos inquiridos são do género feminino (51,5%), de seguida masculino (48,5%). Relativamente a “outro” não houve respostas.

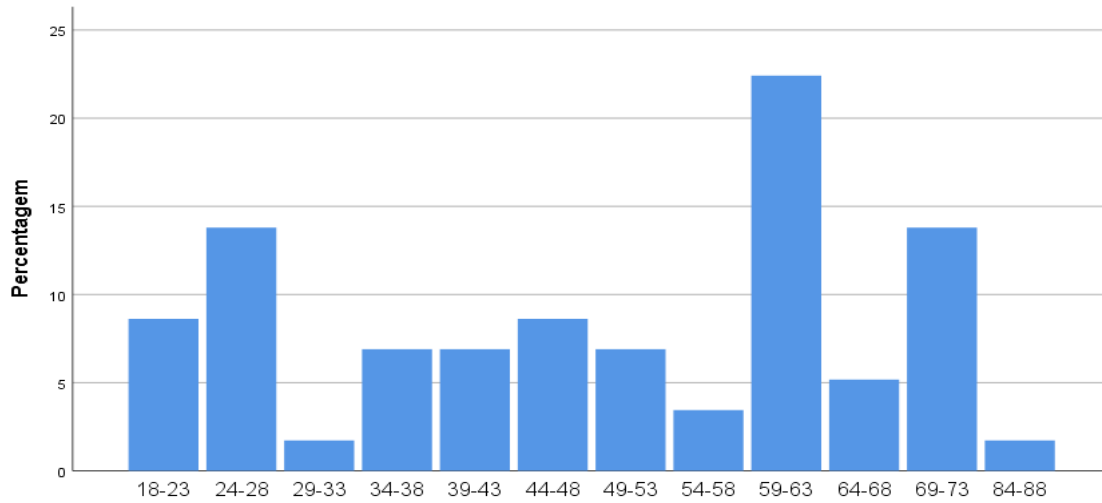
Figura 7 - Género dos inquiridos



Fonte: elaboração própria.

Relativamente à idade, foi necessário agrupar as idades por intervalos consoante o ano de nascimento, para que a análise não fosse tão dispersa. Resultando na maioria dos inquiridos com idades compreendidas entre 59-63 anos (22,4%). De seguida 69-73 e 24-28 em percentagens igualitárias (13,8%).

Figura 8 - Idade dos inquiridos

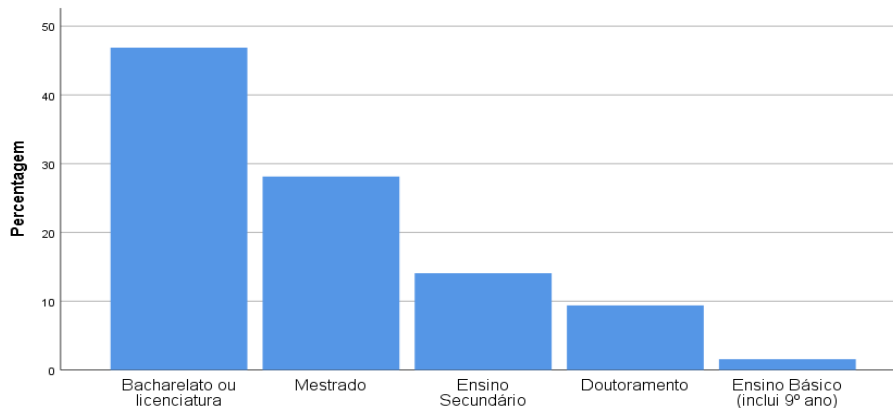


Fonte: elaboração própria.

d) Habilitações literárias e situação profissional

Relativamente às habilitações literárias, observa-se no seguinte gráfico de barras que a maioria dos inquiridos possui Bacharelato ou Licenciatura (46,9%), de seguida Mestrado (28,1%), e Ensino Secundário (14,1%).

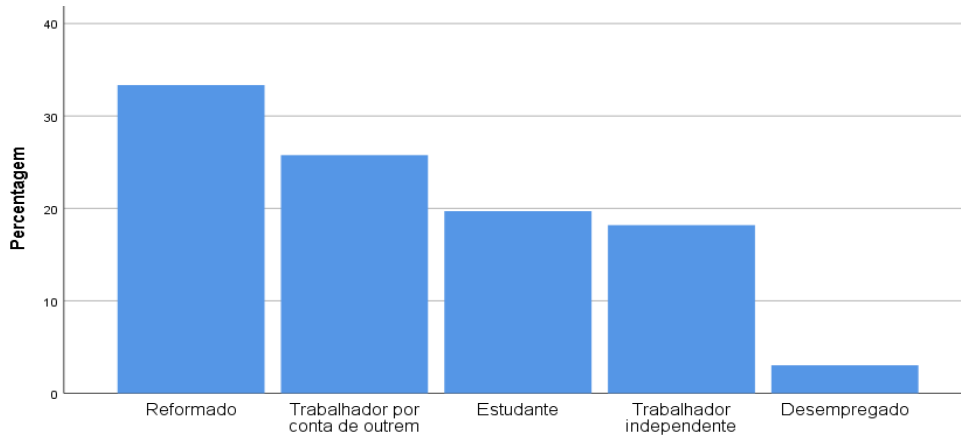
Figura 9 – Habilitações literárias



Fonte: elaboração própria.

A situação profissional encontra-se mais equiparada, sendo na sua maioria dos visitantes reformados (33,3%), de seguida trabalhadores por conta de outrem (25,8%), e estudante (19,7%).

Figura 10 - Situação profissional dos inquiridos

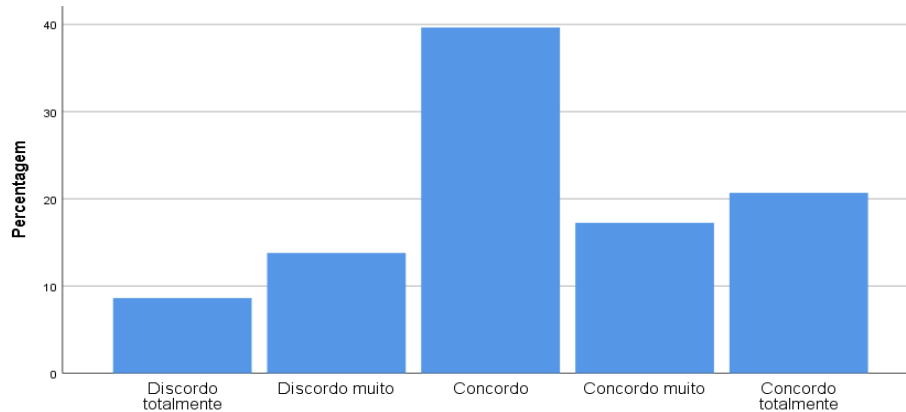


Fonte: elaboração própria.

7.2 Análise das experiências dos visitantes no Museu

Relativamente às diferentes experiências que os visitantes obtiveram ao visitar o Museu, observamos que, relativamente à experiência Física (movimento, ação, energia), 39,7% concordaram em ter experienciado, 20,7% concordou totalmente e 17,2% concordaram muito.

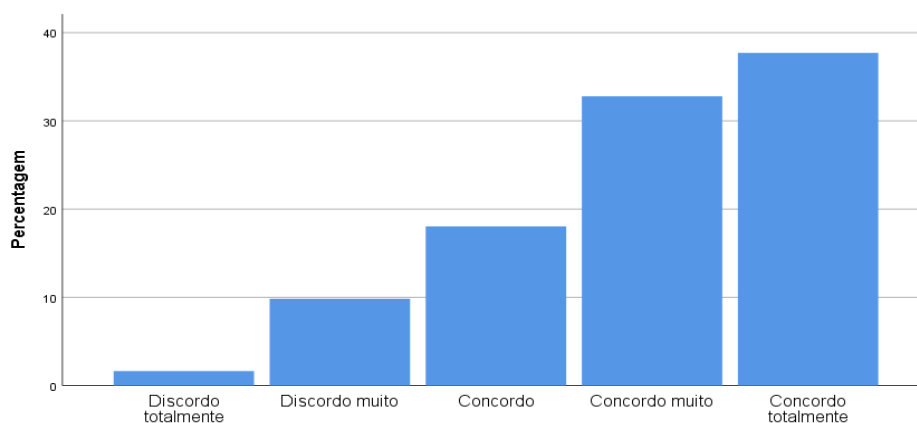
Figura 11 - Experiência física



Fonte: elaboração própria.

Observamos que, na experiência (Sensorial (estímulos sensoriais), a maior parte dos visitantes experienciou quase totalmente ou totalmente. Sendo que 37,7% concordaram totalmente e 32,8% concordaram muito.

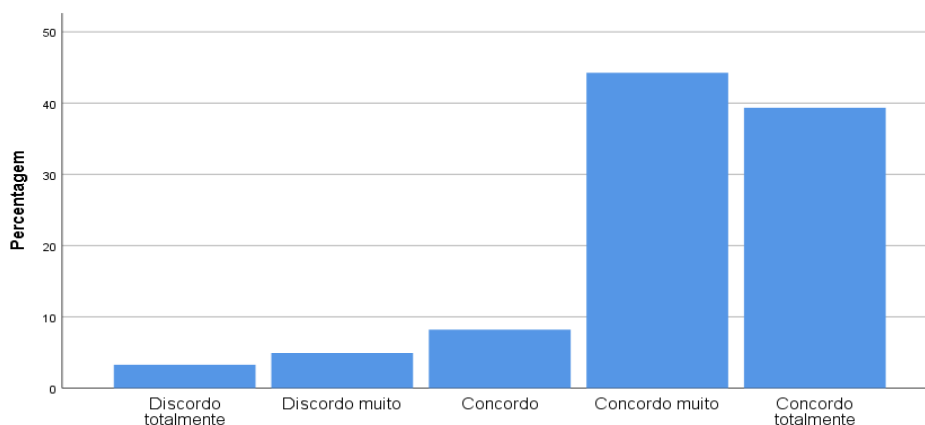
Figura 12 - Experiência Sensorial



Fonte: elaboração própria.

Observamos que, na experiência Restauradora (relaxamento, liberdade, paz, descanso, revitalização), a maior parte dos visitantes (44,3%) concordaram muito e 39,3% concordaram totalmente.

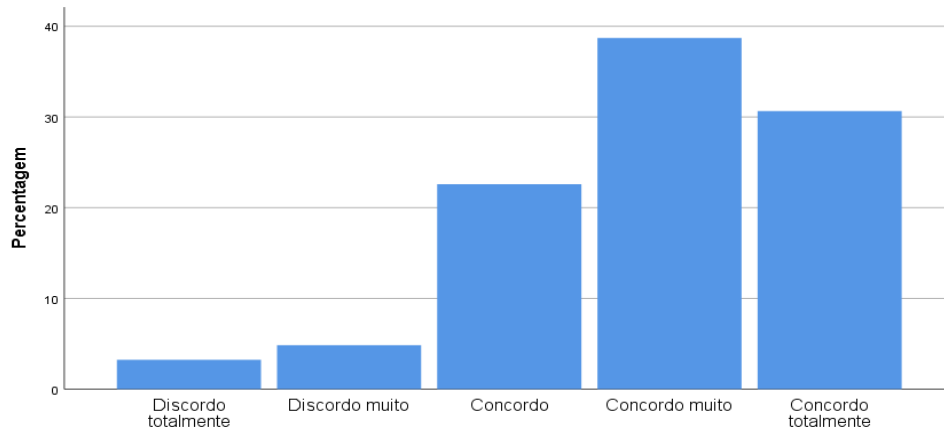
Figura 13 - Experiência Restauradora



Fonte: elaboração própria.

Relativamente à experiência Introspectiva (contemplação, reflexão, introspeção), 38,7% concordou muito, e 30,6% concordou totalmente.

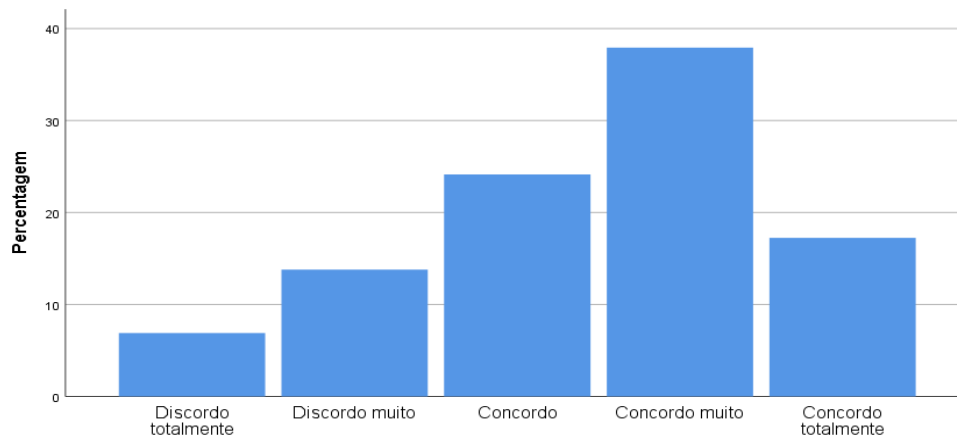
Figura 14 - Experiência Introspetiva



Fonte: elaboração própria.

Na experiência transformadora (inspiração, autoconhecimento, criatividade, autorrealização) 37,9% concordou muito e 24,1% concordou.

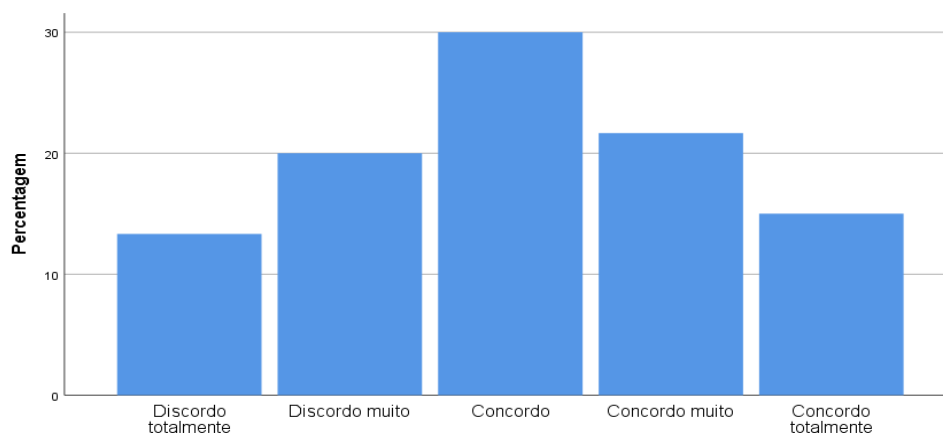
Figura 15 - Experiência Transformadora



Fonte: elaboração própria.

Na experiência hedônica (diversão, excitação, prazer), 30% concordou e 21,7% concordou muito.

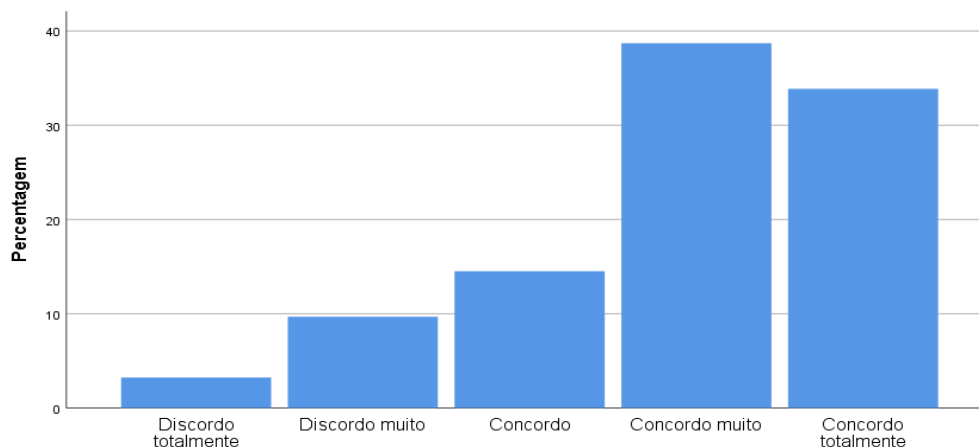
Figura 16 - Experiência Hedônica



Fonte: elaboração própria.

Além disso, na experiência Emocional (empatia, surpresa, respeito, alegria, nostalgia, espanto), os visitantes também concordaram muito 38,7% e 33,9% concordou totalmente.

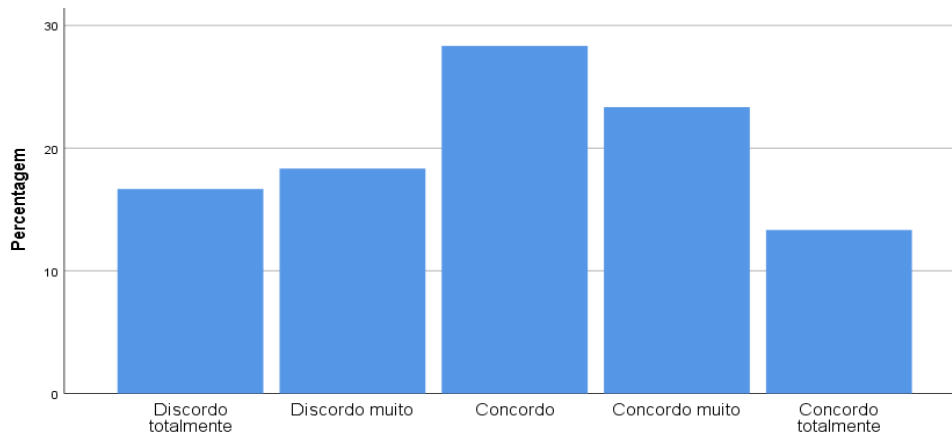
Figura 17 - Experiência Emocional



Fonte: elaboração própria.

Relativamente à experiência Relacional (interação social, sentimento de pertença e de partilha), 28,3% concordaram e 23,3% concordaram muito ter experienciado.

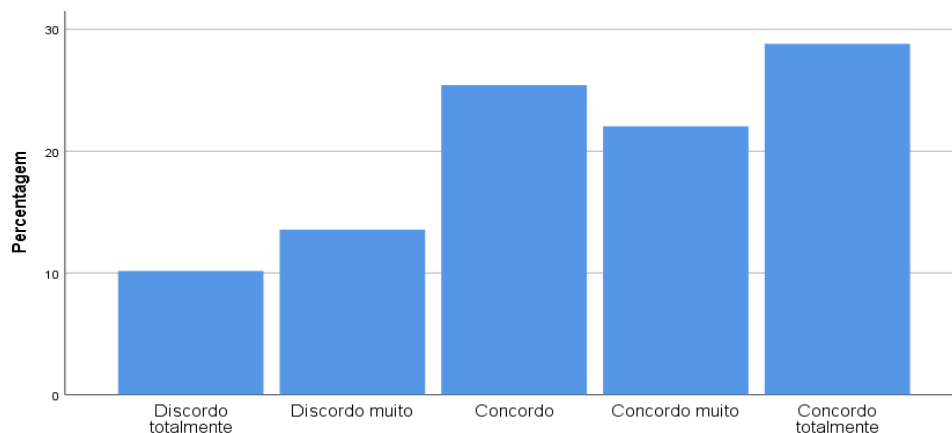
Figura 18 - Experiência Relacional



Fonte: elaboração própria.

Na experiência espiritual (ligação ao espiritual/sagrado, transcendência, comunhão c/ natureza), 28,8% concordou totalmente e 25,4% concordou.

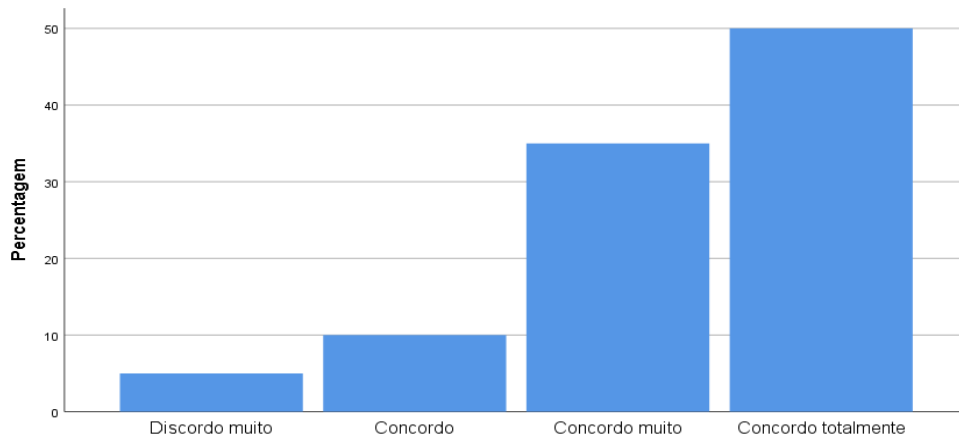
Figura 19 - Experiência Espiritual



Fonte: elaboração própria.

Na experiência Cognitiva (intelectual, aprendizagem, descoberta, exploração, envolvimento), 50% concordou totalmente e 35% concordou muito.

Figura 20 - Experiência Cognitiva



Fonte: elaboração própria.

Observamos que as percentagens mais altas são relativas à experiência sensorial, restauradora, introspetiva, transformadora, emocional e cognitiva. O que remete à capacidade que o visitante tem de apreciar o espaço que visita através das suas diversas sensações. Além disso, os visitantes concordaram totalmente nas experiências espiritual, emocional e sensorial, o que demonstra o mesmo pensamento de Othman *et al.* (2013), no qual, demonstra no seu estudo, que a maior parte dos visitantes tem uma experiência multidimensional em igrejas históricas, através da componente emocional e espiritual, como também ganham conhecimento através do estímulo intelectual.

7.3 Grau de Satisfação dos Visitantes

Relativamente ao grau de satisfação dos visitantes, foi necessário a análise de respostas abertas, que expunham algumas respostas interessantes relativamente aos elementos do Museu. Nomeadamente as questões: 6 - O que é que mais apreciou no Museu? 7 - O que é que menos apreciou no Museu?. Para a representação dos resultados destas questões recorreu-se a um gerador de nuvem de palavras.

Relativamente à questão 6, observamos que a Igreja é o elemento mais apreciado do Museu. Alguns visitantes também reportaram “muito boa organização museológica”, “muita informação”, “descrição do património detalhada”, “boa explicação de tudo”, o que remete para a hipótese 1, em que de facto os turistas utilizam e apreciam a tecnologia multimédia no museu. Além disso, apenas 1 turista referiu a exposição temporária de João Concha, que demonstra que os turistas preferem a exposição permanente no geral.

Figura 21 - Apreciação positiva dos inquiridos



Fonte: elaboração própria

Observamos que, na questão 7 a maior parte (%) não respondeu. No entanto, alguns visitantes reportaram haver “pouca diversidade”, “falta de guia-turístico”, o que remete para a conclusão, de que os mesmos não utilizam nem apreciam os guias-virtuais.

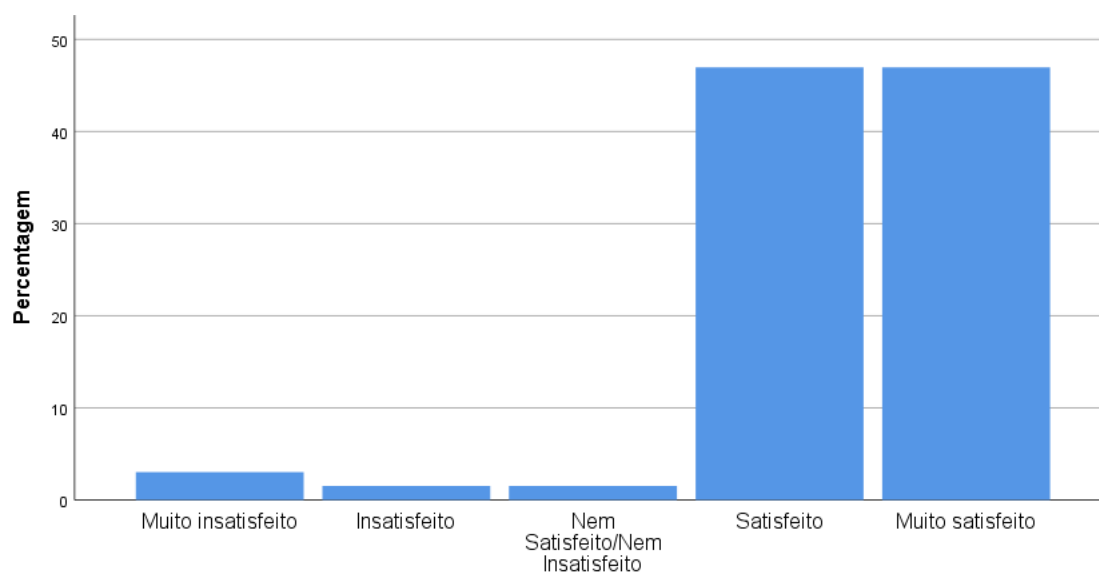
Figura 22 – Aspectos menos apreciados pelos inquiridos



Fonte: elaboração própria.

Apesar destas questões, observamos que, a maior parte dos visitantes está de facto satisfeito (47%) ou muito satisfeito (47%) com o Museu e que, a maior parte pretende voltar a visitar (50,8%).

Figura 23 - Satisfação dos inquiridos



Fonte: elaboração própria.

Quanto às intenções dos visitantes face ao futuro, as respostas obtidas sobre se vão voltar a visitar o Museu estão muito equiparadas (Tabela 4).

Tabela 4 - Intenções dos visitantes sobre voltar ao Museu e recomendar o Museu a terceiros

	Sim	Não
Pensa voltar a visitar o Museu?	50,5%	49,5%
Vai recomendar o Museu?	98,5%	1,5%

Fonte: elaboração própria.

Concluimos que os turistas utilizam e apreciam a tecnologia multimédia no museu. Sendo que, apesar de haver 2 comentários sobre a falta de informação, verifica-se mais comentários positivos sobre a tecnologia do que negativos. Além disso, 1 turista referiu a exposição temporária de João Concha, o que demonstra que os turistas preferem a exposição permanente no geral.

8. Conclusões

O presente relatório de estágio descreve o contexto em que decorreu a experiência de estágio curricular no Museu da Misericórdia de Évora (MME). Para além das aprendizagens que resultaram do envolvimento da Aluna nas atividades regulares do MME, também se destaca no relatório os resultados da revisão bibliográfica feita no contexto em que se desenvolveu o estudo empírico, com o objetivo de analisar o perfil do visitante desta igreja museu. Seguidamente, apresentam-se os resultados da análise crítica sobre a globalidade da experiência.

8.1.1 Principais conclusões no âmbito da experiência de estágio

A experiência de estágio permitiu aprofundar os conhecimentos adquiridos na formação curricular do Mestrado e desenvolver novas capacidades, profissionais e pessoais, úteis para o futuro profissional da Aluna. Neste contexto, permitiu-lhe adquirir mais conhecimentos sobre a história da Santa Casa da Misericórdia, principalmente a de Évora, como também sobre o seu simbolismo para a comunidade, tanto portuguesa, como estrangeira. Sendo o Museu da Misericórdia uma estrutura bastante recente, observou-se que ainda não tinha sido desenvolvido um estudo sobre o perfil do seu visitante. No entanto, a Igreja anexa ao MME dispõe de muita informação em termos históricos possibilitando a recolha de informação de qualidade. O apoio disponibilizado à Aluna pelos membros colaboradores envolvidos no MME foi crucial durante o período de estágio, tendo acompanhado o seu processo de aprendizagem e estando disponíveis para esclarecimentos adicionais e apoiar nas atividades desenvolvidas.

Os conhecimentos adquiridos nas unidades curriculares administradas ao longo do Mestrado foram importantes para aplicar nesta experiência. Sendo que estas contribuíram não só para a realização do estágio curricular, nas atividades realizadas e na evolução do estudo empírico, mas também para o desenvolvimento pessoal da Aluna. As unidades curriculares mais importantes foram Teorias e Métodos de Investigação em Turismo e Tratamento e Análise de Dados em Turismo, que contribuíram para planear e desenvolver o estudo e análise do presente relatório. Primeiramente, a UC de Teorias e Métodos de Investigação em Turismo, que possibilitou os conhecimentos necessários para desenvolver a revisão de literatura e estruturar o relatório. De seguida, os conhecimentos transmitidos na UC de Tratamento e Análise de Dados em Turismo, que possibilitaram

uma aprendizagem e conhecimento sobre técnicas de tratamento e análise de dados, como o programa utilizado para o desenvolvimento dos gráficos (SPSS), extremamente crucial para o tratamento da análise de dados recolhidos neste estudo.

É importante, também, destacar a UC de Património Cultural, uma vez que fomentou ainda mais o desenvolvimento do interesse pessoal da Aluna pela área de história e património, incentivando-a a escolher uma entidade para realizar o estágio neste domínio profissional. Para além destas UC's, todas as disciplinas presentes no mestrado de Turismo e Desenvolvimento de Destinos e Produtos foram essenciais, no auxílio do estudo final, no desenvolvimento de conhecimentos anteriores, como também na agregação de novos conhecimentos.

8.1.2 Principais conclusões no âmbito do estudo empírico

O estudo empírico apresentado neste relatório teve como base a elaboração da revisão de literatura com o objetivo de desenvolver uma base teórica que sustentasse as questões teóricas principais abordadas neste estudo. Com a revisão de literatura foi possível entender os conceitos de museus, museus com igrejas integradas, turismo cultural, turismo religioso e explorar a sua interligação. Também foi possível compreender que atualmente a temática dos museus apresenta muitos estudos e sob diversas perspetivas. Por exemplo, relativamente ao perfil do turista cultural e ao turismo religioso identificaram-se bastante estudados. No entanto, no que diz respeito à temática específica de investigação sobre o perfil do visitante que visita espaços que integram museus e igrejas, observou-se que ainda está pouco estudada. Por isso, neste contexto, considerou-se também importante entender se o turista que visita espaços que integram museus e igrejas é uma junção do turista cultural com o turista religioso, o que ficou visível nas respostas dos questionários relativamente às experiências. No que diz respeito às experiências, o turista que visita estes museus com igrejas integradas apresenta diversas razões para os visitar e revela obter frequentemente diversas experiências, e não apenas uma.

Como foi referido ao longo do relatório, a revisão de literatura permitiu definir a metodologia para o desenvolvimento do estudo empírico, tendo-se optado pela metodologia quantitativa. Por esta razão, para a recolha dos dados optou-se por inquirir os visitantes do MME através de inquéritos por questionário.

Uma conclusão das respostas fornecidas, foi relativa à nacionalidade dos inquiridos, na qual a maioria era estrangeira, principalmente dos EUA, Canadá e Reino Unido. Relativamente aos visitantes portugueses, a maioria era do concelho de Évora, e de seguida Lisboa. Na idade, observamos que a maioria tinha entre os 59-63 anos, e de seguida jovens entre os 24-28. No que diz respeito às habilitações literárias dos inquiridos, a maioria completou bacharelato/licenciatura e mestrado. Na situação profissional, a maioria dos inquiridos indicou estar na situação de reformado. Estes dados também demonstram que quem visita estes locais são de facto pessoas mais instruídas a nível de estudos e cultura, tal como já tinha sido referido por Baltazar (2008). Além disso, também demonstra que a maioria dos visitantes são os que têm mais tempo livre, como os reformados e os estudantes.

Outra conclusão, relativa às experiências presenciadas pelos visitantes é que, de facto, os visitantes concordam totalmente nas experiências Espiritual, Emocional e Sensorial, relativas aos sentimentos de ligação ao espiritual/sagrado, transcendência, comunhão c/ natureza; como também empatia, surpresa, respeito, alegria, nostalgia, espanto entre outras sensações. Os dados que demonstram que os visitantes visitam estes locais pela sua ligação com o mundo espiritual/religioso, tal como já referido por Kurmanaliyeva et al. (2014). Além disso, também pela necessidade de descobrir/conhecer o local onde nunca tinham estado, como é referido por Mamoon e Altal (2016), permitindo uma experiência profunda imersiva (Marujo, 2016) e, também, para aprender sobre o mesmo, sobre a sua cultura e meio envolvente (Othman et al. 2013).

Com a realização deste estudo exploratório é possível apresentar algumas conclusões sobre os resultados, com os quais a própria SCME pode beneficiar. Conhecer o perfil sociodemográfico dos turistas que visitam o MME, assim como as suas principais experiências, nível de satisfação e preferências, surgiu no sentido de contribuir para potenciais melhorias do serviço, assim como contribuir para esta perspetiva no setor do turismo e dos museus com igrejas anexas. Ao conhecer este perfil, a SCME pode potenciar mais as estratégias para atrair mais turistas deste tipo, contribuindo para um impacto mais positivo das atividades promovidas pelo MME.

Espera-se que, com este estudo, surja mais investigação nesta área, não só a nível regional, mas também em todo o país. Além disso, a nível internacional também serão necessários mais estudos de caso, para que a comunidade e os investigadores possam tomar conhecimento e desenvolver as suas investigações.

O maior desafio sentido durante o estágio foi no momento de aplicação dos inquéritos por questionário aos visitantes. Um número significativo dos visitantes abordados não colaborou no preenchimento devido à falta de tempo ou simplesmente porque não queriam. O mesmo requeria apenas cerca de 5 minutos, a preencher durante a visita ou no final da visita, num ambiente fresco, pois o MME é construído com base na arquitetura alentejana. Outra limitação sentida foi a falta de paciência demonstrada por alguns inquiridos, o que levou a uma perceção por parte da aluna de que as suas respostas eventualmente poderiam não ser as mais indicadas para o estudo.

A inserção de questionários no SPSS também foi um desafio, uma vez que foram todos inseridos manualmente, devido ao seu preenchimento em formato de papel, para facilitar a sua aplicação direta presencial.

Relativamente à investigação futura, considera-se que é necessário fomentar a realização de mais estudos na área específica dos espaços museológicos integrados com igrejas. No estudo empírico realizado, foi possível entender que o turista cultural e o turista religioso estão interligadas e ambos visitam estes locais, pelo que o perfil do turista de museus integrados com igrejas é uma junção dos dois, sendo necessário mais estudos de caso para compreender melhor as interligações associadas a este tipo de turista. Na análise de dados recolhidos, observou-se que o turista visita para conhecer a cultura, como também visita por motivos religiosos, pelo que seria importante analisar vários elementos destes dois fatores, combinando-os num só, possivelmente através de estudos de caso, baseados em entrevistas ou questionários aos visitantes deste tipo de atrações.

Além disso, algo que não foi analisado neste estudo, foi o nível de rendimento, pelo que seria importante analisar para compreender se o rendimento tem impacto na decisão de visitar ou não este tipo de atrações. Como também seria interessante entender se os turistas já tinham visitado outros locais semelhantes, ou a quantidade de património que já visitaram em Évora, pois muitos turistas revelaram que Évora tinha “demasiadas igrejas”, por isso não iam visitar esta.

Numa investigação futura, também seria relevante voltar a inquirir os visitantes do MME para ver se há diferenças relativamente ao tipo de experiência sentida às mudanças de mentalidade perante a cultura e religião, e os seus impactos na sociedade. Estes tipos de estudos podem ser comparados ao longo do tempo, sendo que, seria interessante realizá-lo à escala nacional para perceber em que regiões e circunstâncias eventualmente se verificam os comportamentos diferenciados entre os visitantes.

Referências Bibliográficas

- Baltazar, H. (2008). *Ser turista num museu – especificidades de um público*. Artigo baseado na dissertação de mestrado Os Turistas no museu: (dis) ou indispensáveis? O caso do museu de Alberto Sampaio em Guimarães Faculdade de Letras da Universidade do Porto Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Barreto, M. (2008). Os museus e a autenticidade no turismo. *Revista Itinerarium*. 1 Departamento de Turismo e Patrimônio. Escola de Museologia – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). <http://www.seer.unirio.br/index.php/itinerarium>
- Barrio-Tellado, M.J, & Herrero-Prieto, L.C. (2022). Analysing productivity and technical change in museums: A dynamic network approach. *Journal of Cultural Heritage*. 53, 24-34. <https://doi.org/10.1016/j.culher.2021.10.007>
- Bieszk-Stolorz, B., Dmytrówa, K., Eglinskieneb, J., Marxc, S., Miluniec, A., Muszyńskad, K., Nidoszytkoe, G., Podlesińskae, W., Rostoványif, A., Swachad, J., Vilsholmg, R.L., & Vurze, S. (2021). Impact of the availability of gamified e-guides on museum visit intention. 25th International Conference on Knowledge-Based and Intelligent Information & Engineering Systems. *Procedia Computer Science*. 192, 4358–4366.
- Câmara Municipal de Évora (13/02/2023). Évora é capital europeia da cultura em 2027, acessado a 03/05/2023, disponível em: <https://www.cm-evora.pt/municipio/areas-de-acao/evora-capital-europeia-da-cultura-2027/destaques/>
- Câmara Municipal de Évora (13/05/2022). Visitar, acessado a 03/05/2023, disponível em: <https://www.cm-evora.pt/visitante/lazer-visitar/visitar/>
- Câmara Municipal de Évora (18/02/2022). A nossa cidade. acessado a 03/05/2023, disponível em <https://www.cm-evora.pt/municipio/projetos-municipais/evora-cidade-educadora/a-nossa-cidade/>
- Câmara Municipal de Évora (26/01/2021). O concelho, acessado a 03/05/2023, disponível em: <https://www.cm-evora.pt/municipio/evora/concelho/o-concelho/>
- Câmara Municipal de Évora. Rede de Museus de Évora (02/2020). https://www.cm-evora.pt/wp-content/uploads/2020/05/Info_RededeMuseus%C3%89vora.pdf
- Čech, V., Hronček, P., & Weis, K., (2020). Virtual tourism on the example of the defunct Koscelisko medieval church in the North-Western Slovakia. *European Journal of Geography*. 11(3), 096 – 107.
- Coelho, Br. (2017). A assistência na documentação da Santa Casa da Misericórdia de Évora. Santa Casa da Misericórdia de Évora, Gráfica Eborense, Évora.
- Gonçalves, A. (2009). O museu como polo de atração turística. *Nº temático – Turismo e Património*. Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo – Universidade do Algarve.

- Gonçalves, S. (2017). *Museus, turismo cultural e criativo: estratégias de atração de visitantes*. Dissertação de Mestrado em Gestão Cultural. Escola Superior de Artes e Design, Instituto Politécnico de Leiria (IPL).
- Gusmão, A. (1958). *Subsídios para a História da Santa Casa da Misericórdia de Évora. Parte primeira (1499-1567)*. Tipografia Diana, Évora.
- Gusmão, A. (1969). *Subsídios para a História da Santa Casa da Misericórdia de Évora. Parte II – Tomo I (1567-1667)*. Gráfica Eborense, Évora.
- Hui, C. & Ryan, C. (2020). Transforming the museum and meeting visitor requirements: The case of the Shaanxi History Museum. *Journal of Destination Marketing & Management*, 18.
- ICOM (2022). Nova definição de Museu. Disponível em: <https://icom-portugal.org/2022/09/30/nova-definicao-de-museu-2/>
- IME (2022). Igreja da Misericórdia de Évora. Aplicação digital móvel.
- Ismagilova, G.; Safiullin, L. & Gafurov, I. (2015). Using historical heritage as a factor in tourism development. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*. 188, 157-162.
- Kurmanaliyeva, Rysbekova, S., Duissenbayeva, A. & Izmailov, I. (2014). Religious tourism as a sociocultural phenomenon of the present "The unique sense today is a universal value tomorrow. This is the way religions are created and values are made". *Procedia - Social and Behavioral Sciences*. 143, 958 – 963.
- Laska, T., Golubkov, S., Tsimbal, I. & Petrova, Y. (2013). Multimedia Information Resource «The Church of the Savior on Ilyina Street in Novgorod the Great». *Procedia Computer Science* 25, 315 – 32.
- LEVEM ÉVORA. (2022). Évora 2027. Acedido a 05/05/ 2023, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uBcAIEeK6H4>
- Maietti, F., Medici, M., & Ferrari, F. (2021). From semantic-aware digital models to Augmented Reality applications for Architectural Heritage conservation and restoration. *DISEGNARECON Semantic-driven analysis and classification in architectural heritage*, 14(26). ISSN 1828-5961.
- Mamoon, A., & Altal, Y. (2016) Museums and Tourism: Visitors motivations and emotional involvement. *Mediterranean Archaeology and Archaeometry*. 16(3), 43-50
- Marius-Răzvan, S. & Surugiua, C. (2015). Heritage tourism entrepreneurship and social media: opportunities and challenges. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*. 188, 74-81.
- Marujo, N. (2014) A Cultura, o Turismo e o Turista: Que Relação?. *Revista de investigación en turismo y desarrollo local*. 7(16), 1-12.
- Marujo, N. (2016). Turismo, turistas e experiências: abordagens teóricas, *Revista Turides: Turismo y Desarrollo*, 20, 1-13.

- Mendeiros, F. (2018). Guia da Igreja da Misericórdia de Évora. Santa Casa da Misericórdia de Évora, 4ª Edição, Évora.
- Museu da Misericórdia. (2023). Exposição As Vestes do Menino Jesus através dos Tempos.
- Museu da Misericórdia. (2023). Exposição As Obras de Misericórdia – Esculturas de João Concha.
- Othman M., Helen P., Christopher P. (2013) Visitors' Emotions, Touristic or Spiritual Experiences in Historic Churches: The Development of Church Experience Scale (CES). The 9th International Conference on Cognitive Science. *Procedia - Social and Behavioral Sciences* 97, 675-683.
- Paiva, J, Sá, I.G., Abreu, L., & Lopes, M.A. (2002). Portugaliae Monumenta Misericordiarum, Fazer a História das Misericórdias. 1. Centro de Estudos de História Religiosa Universidade Católica Portuguesa, União das Misericórdias Portuguesas, Lisboa. ISBN 972-98904-0-4.
- Paradiso M., Sara G., Viola F. (2020). The Convent of Santa Teresa de Jesús in Havana: analysis, consolidation and restoration for the New Museum of Sacred Art, *Procedia Structural Integrity*. 29, 87–94.
- Pianigiani, M., Careccia, C., & Montone, C. (2020). Correlation analysis between churches and their artistic content in terms of damage. A damage map of Italian Cultural Heritage through four Regions after the 2016 earthquake. *Procedia Structural Integrity*. 29, 103–110.
- Rede de Museus de Évora (02/2020). Acedido a 03/05/2023, disponível em: https://www.cm-evora.pt/wp-content/uploads/2020/05/Info_RededeMuseus%C3%89vora.pdf
- Roque, M. (2019). A arte sacra: museus e exposições numa sociedade secularizada. *MASF Journal*, nº2. Universidade Europeia; Universidade Católica Portuguesa; Universidade de Évora – CIDEHUS, Funchal.
- Sá, I. (2022). A fundação e a estruturação das Misericórdias no séc. XVI. *A Misericórdia*, Instituto Alexandre Herculano, Centro de Estudos Clássicos, Edições Colibri.
- Sá, I., & Lopes, M. (2008). História Breve das Misericórdias Portuguesas. Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Selart, A. (2021) Lembitu: A medieval warlord in estonian culture. *Studia Slavica et Balcanica Petropolitana*, 1(29) Saint Petersburg State University.
- Serra, P., & Carvalho, P. (2010) Museus e turismo. Dois casos de estudo (Caldas da Rainha e Óbidos) na Região Oeste de Portugal. Investigação e desenvolvimento sócio-cultural (Actas do VII Congresso Internacional). Faculdade de Letras / Universidade de Coimbra (Portugal).

- Sertório, I. (2023). O consumo turístico responsável: Estudo exploratório no âmbito da atividade do ASTO. Relatório de Estágio – Mestrado em Turismo e Desenvolvimento de Destinos e Produtos. Universidade de Évora – Escola de Ciências Sociais.
- Shishmanova, M. V. (2015). Cultural tourism in cultural corridors, itineraries, areas and cores networked. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*. 188, 246 – 254.
- Simas, J. (2018). Património Religioso e Museus Eclesiásticos Uma proposta para a Igreja Matriz de Santa Cruz (Lagoa-Açores). Dissertação de Mestrado. Universidade dos Açores, Ponta Delgada.
- Ter, Ü., Özcan, K. & Eryiğit, S. (2013). Cultural Heritage Conservation in Traditional Environments: Case of Mustafapaşa (Sinassos), Turkey. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*. 140, 138–144.
- Thouki, A. (2019). The Role of Ontology in Religious Tourism Education—Exploring the Application of the Postmodern Cultural Paradigm in European Religious Sites. Management School, The University of Sheffield, Sheffield S10 2TN, UK.
- Torre, S. D., & Rajabi, M. (2022). The Restoration of St. James’s Church in Como and the Cathedral Museum as Agents for Sustainable Urban Planning Strategies. *Land*, 11(3), 375. MDPI.
- Tucker, H.; Carnegie, E. (2014). World heritage and the contradictions of 'universal value'. *Annals of Tourism Research*, 47, 63-76.

Apêndices

Apêndice 1 – Inquérito ao visitante do Museu da Misericórdia

QUESTIONÁRIO

O Presente inquérito é anónimo e pretende estudar o perfil do visitante do Museu da Misericórdia de Évora. Os resultados serão tratados para fins de investigação de Mestrado e será garantido o anonimato das respostas e dos resultados.

1 - Quantas vezes já visitou Évora (incluindo a presente visita)?

- 1 vez 2-3 vezes 4-6 vezes 7-9 vezes ≥ 10 vezes

2- Há quanto tempo está em Évora?

- Meio dia 1 dia 2 dias ≥ 3 dias

3 - Quantas vezes já visitou o Museu da Misericórdia de Évora (incluindo a presente visita)?

- 1 vez 2-3 vezes 4-6 vezes 7-9 vezes ≥ 10 vezes

4- Quais foram as principais motivações para visitar o Museu da Misericórdia de Évora?

- | | | |
|---|------------------------------------|-----------------------|
| 1 | Conhecer o museu | <input type="radio"/> |
| 2 | Carácter Educativo | <input type="radio"/> |
| 3 | Razões profissionais | <input type="radio"/> |
| 4 | Arte Sacra | <input type="radio"/> |
| 5 | Curiosidade pela religião católica | <input type="radio"/> |
| 6 | Sou católico(a) | <input type="radio"/> |
| 7 | Viver uma nova experiência | <input type="radio"/> |
| 8 | Outra. Qual? _____ | <input type="radio"/> |

5 - Como teve conhecimento do Museu da Misericórdia de Évora? Indique as principais.

- | | | |
|---|-----------------------------|-----------------------|
| 1 | Internet/Redes Sociais | <input type="radio"/> |
| 2 | Revistas/Jornais | <input type="radio"/> |
| 3 | Familiares e amigos | <input type="radio"/> |
| 4 | Folhetos e cartazes | <input type="radio"/> |
| 5 | Guia-Interprete / turístico | <input type="radio"/> |
| 6 | Pela sinalização na rua | <input type="radio"/> |
| 7 | Passei em frente do Museu | <input type="radio"/> |
| 8 | Outro. Qual? _____ | <input type="radio"/> |

6 - O que é que mais apreciou no Museu?

7 - O que é que menos apreciou no Museu?

8 - Quando pensa no Museu que imagem ou palavra lhe vem à mente? _____

Q9. Que tipo de experiência global considera que viveu durante a sua visita ao Museu?

Em cada linha assinale a opção que mais corresponde à sua opinião [1 – Discordo totalmente ... 5 - Concordo totalmente]

Tipo de experiência		1 - Discordo totalmente			5 - Concordo totalmente	
1	Física (movimento, ação, energia)	①	②	③	④	⑤
2	Sensorial (estímulos sensoriais)	①	②	③	④	⑤
3	Restauradora (relaxamento, liberdade, paz, descanso, revitalização)	①	②	③	④	⑤
4	Introspectiva (contemplação, reflexão, introspeção)	①	②	③	④	⑤
5	Transformadora (inspiração, autoconhecimento, criatividade, autorrealização)	①	②	③	④	⑤
6	Hedónica (diversão, excitação, prazer)	①	②	③	④	⑤
7	Emocional (empatia, surpresa, respeito, alegria, nostalgia, espanto)	①	②	③	④	⑤
8	Relacional (interação social, sentimento de pertença e de partilha)	①	②	③	④	⑤
9	Espiritual (ligação ao espiritual/sagrado, transcendência, comunhão c/ natureza)	①	②	③	④	⑤
10	Cognitiva (intelectual, aprendizagem, descoberta, exploração, envolvimento)	①	②	③	④	⑤

10 – A visita ao Museu da Misericórdia de Évora correspondeu às suas expectativas?

- | | | |
|---|-------------------------|-----------------------|
| 1 | Acima das expectativas | <input type="radio"/> |
| 2 | Dentro das expectativas | <input type="radio"/> |
| 3 | Abaixo das expectativas | <input type="radio"/> |

11 – Qual o seu grau de satisfação global sobre a visita ao Museu?

- Muito Insatisfeito Insatisfeito Nem Satisfeito/Nem Insatisfeito Satisfeito Muito satisfeito

12 - Pensa voltar a visitar o Museu? Sim Não

13 - Vai recomendar o Museu? Sim Não

14 - Com quem está a visitar o Museu?

- | | | |
|---|-------------------------------|-----------------------|
| 1 | Sozinho | <input type="radio"/> |
| 2 | Casal | <input type="radio"/> |
| 3 | Família | <input type="radio"/> |
| 4 | Grupo de amigos | <input type="radio"/> |
| 5 | Grupo turístico / excursão | <input type="radio"/> |
| 6 | Grupo de colegas de profissão | <input type="radio"/> |
| 7 | Outro. Qual? | <input type="radio"/> |

15 – Se está hospedado em alguma unidade de Alojamento indique qual.

- | | |
|---|---|
| <input type="radio"/> Alojamento Local | <input type="radio"/> Pousadas Históricas |
| <input type="radio"/> Casas de familiares e amigos | <input type="radio"/> Pousadas da Juventude |
| <input type="radio"/> Hotelaria (hotéis, apartamentos, aldeamentos) | <input type="radio"/> Parques de Campismo e Caravanismo |
| <input type="radio"/> Turismo de Habitação | <input type="radio"/> Turismo no Espaço Rural (Agro-turismo, Casas de Campo, Hotéis Rui |
| <input type="radio"/> Outro: Qual? | _____ |

16 - Género: Feminino Masculino Outro

17 – Idade / Em que ano nasceu (ou qual a sua idade)? _____

18 - Nacionalidade:

- | | | | |
|---|-----------------------------|-----------------------|-----------------|
| 1 | Espanhola | <input type="radio"/> | ---- |
| 2 | Francesa | <input type="radio"/> | ---- |
| 3 | Brasileira | <input type="radio"/> | ---- |
| 4 | Portuguesa (indique origem) | <input type="radio"/> | Concelho: _____ |
| 5 | Outra. Indique qual. | <input type="radio"/> | País: _____ |

19 - Qual o nível de estudos mais elevado que completou?

- Sem Estudos Ensino Básico (9º ano) (inclusive) Ensino Secundário
 Bacharelato ou licenciatura Mestrado Doutoramento Outro

20 - Em que situação profissional se encontra presentemente?

- Estudante Trabalhador independente Trabalhador por conta de outrem
 Reformado Desempregado Outro

Apêndice 2 – Publicações nas Redes Sociais do Museu



Museu da Misericórdia de Évora

8 de fevereiro · 🌐

Partilhamos um dos pormenores da exposição "As Vestes do Menino Jesus Através dos Tempos". Tem curiosidade em conhecer mais? Venha visitar-nos! Estamos na Rua da Misericórdia, n.º5.



Museu da Misericórdia de Évora

9 de fevereiro · 🌐

Hoje destacamos esta peça, criada e executada por um artesão local, que faz parte do conjunto do merchandising associado ao museu.



Museu da Misericórdia de Évora

1 de maio · 🌐

Venha conhecer o nosso espólio neste feriado. Esperamos por si!



Museu da Misericórdia de Évora

7 de maio · 🌐

O Museu da Misericórdia deseja a todos um Feliz dia da Mãe.

Maio 2023

Feliz Dia da Mãe!



Tire tempo para visitar o Museu com a sua mãe!